

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA**

LETÍCIA GOMES DA SILVA

**A EXPERIÊNCIA DO *CHRISTUS SACERDOS* NA SITUAÇÃO GAÚCHA DA
PSICANÁLISE ENTRE OS ANOS 60 E 70**

Porto Alegre

2022

Letícia Gomes da Silva

A experiência do *Christus Sacerdos* na situação gaúcha da psicanálise entre os
anos 60 e 70

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em
Psicanálise: Clínica e Cultura.
Área de concentração: Psicanálise:
inconsciente e clínica.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Gageiro

Porto Alegre
2022

Nome: Letícia Gomes da Silva

Título: A EXPERIÊNCIA DO *CHRISTUS SACERDOS* NA SITUAÇÃO GAÚCHA DA PSICANÁLISE ENTRE OS ANOS 60 E 70

Dissertação defendida no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura.

Área de concentração: Psicanálise: inconsciente e clínica.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Carmen Lucia Montechi Valladares de Oliveira
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

Prof.^a Dr.^a Simone Bicca Charczuk
Faculdade de Educação (FACED)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Sandra Djambolakdjian Torosian
Programa de Pós-Graduação Psicanálise: Clínica e Cultura
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

*Para Luiz (in memoriam), meu pai,
meu contador de histórias preferido.*

*Para Antônia, minha filha, por todas
histórias que contaremos juntas.*

AGRADECIMENTOS

Aos encontros que tornaram essa pesquisa possível:

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao Programa de Pós Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura por proporcionar esse espaço de liberdade do pensamento.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Ana Maria Gageiro, por sustentar cordas entre os meus abismos. Aposta com delicadeza, alegria e compreensão. Escuta atenta, orientação e cuidado em cada passo.

Às professoras Simone Bicca Scharczuk, Marta D'Agord, Sandra Djambolakdjian Torossian, Mônica Macedo e aos professores José Damico e Daniel Abs, abertos ao diálogo e aos caminhos dessa jornada.

À Urbe - Instituto de Psicologia Social e Psicanálise, erguido com resistência e mantido com a aposta das muitas mulheres que compõem o trabalho. À Jéssica Schossler, sócia, amiga, braço forte e abraço tranquilo nessa construção.

À Olga Farina: memória e afeto. A Luiz Osvaldo Leite: inspiração, amor à história.

Ao Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul que abriu as portas e seus arquivos e à Associação Antônio Vieira pela permissão recebida para a pesquisa junto ao Arquivo Provincial.

À elas, por elas: Delma Gomes, Raquel Gomes, Pâmella Gomes, Maria Eduarda Silva, Luciana Oliveira, Tereza Marins, Carine Barreto, Caroline Meyer, Luiza Meyer, Letícia Correa, Deise Gessinger, Ilza Rocha e Isadora Machado. Essa aldeia de mulheres que gesta comigo, com incansável carinho, a chegada da Antônia.

Ao meu par, Diego Pinheiro, porque juntos construímos lugares felizes e de esperança para os nossos dias. Pela conversa interminável e as insistências de que tudo fica bem, sempre.

Ao meu pai, Luiz Carlos, que se foi durante a escrita desse trabalho deixando suas excelentes histórias e uma saudade imensa do som de sua voz.

À Antônia, minha Tôtti, que dança em meu ventre ao som dos bandolins. Filha, obrigada pela companhia na escrita final dessa dissertação! Juntas somos uma trupe de fortalezas e sensibilidades neste ato revolucionário de amor!

Estas memórias ou lembranças são intermitentes e, por momentos, me escapam porque a vida é exatamente assim. A intermitência do sonho nos permite suportar os dias de trabalho. Muitas de minhas lembranças se toldaram ao evocá-las, viraram pó como um cristal irremediavelmente ferido.

As memórias do memorialista não são as memórias do poeta. Aquele viveu talvez menos, porém fotografou muito mais e nos diverte com a perfeição dos detalhes; este nos entrega uma galeria de fantasmas sacudidos pelo fogo e a sombra de sua época.

Talvez não vivi em mim mesmo, talvez vivi a vida dos outros.

Do que deixei escrito nestas páginas se desprenderão sempre - como nos arvoredos de outono e como no tempo das vinhas - as folhas amarelas que vão morrer e as uvas que reviverão no vinho sagrado.

Minha vida é uma vida feita de todas as vidas: as vidas do poeta.

(Neruda, 1980 [1974], p. 9).

RESUMO

O presente trabalho trata de um recorte histórico da implantação do pensamento psicanalítico na cidade de São Leopoldo e suas reverberações no movimento psicanalítico do Rio Grande do Sul. A partir da análise de arquivos e entrevistas essa pesquisa considera como um fato histórico a elaboração e a execução do Curso *Christus Sacerdos* (1966-1970) e participação de analistas vinculados ao Círculo Carusiano e de padres jesuítas neste curso com ênfase em Teologia Renovada e Psicanálise. Os padres participantes, todos com cargos importantes na formação do clero brasileiro, participaram de aulas sobre psicanálise e de sessões de análise individuais e grupais ministradas no Colégio Cristo Rei na cidade de São Leopoldo. Paralelo ao movimento dos argentinos e dos brasileiros que voltavam de suas formações psicanalíticas em Buenos Aires encontramos um caminho de ruptura com a IPA (*International Psychoanalytical Association*) já acontecendo em solo brasileiro e contando com o Curso *Christus Sacerdos* como um dos condicionantes desse processo de busca por espaços coletivos para a expansão do freudismo na situação gaúcha da psicanálise.

Palavras-chave: Psicanálise; Movimento Psicanalítico; São Leopoldo; *Christus Sacerdos*.

ABSTRACT

The present work deals with a historical clipping of the deployment of the psychoanalytic thought in the city of São Leopoldo and its reverberations in the psychoanalytic movement of Rio Grande do Sul. Based on the analysis of files and interviews, this research considers the elaboration and execution of the Christus Sacerdos Course (1966-1970) and the participation of analysts linked to the Carusiano Circle and Jesuit priests in this course with an emphasis on Renewed Theology and Psychoanalysis as a historical fact. The participating priests, all with important positions in the formation of the Brazilian clergy, participated in classes on psychoanalysis and in individual and group analysis sessions taught at Colégio Cristo Rei in the city of São Leopoldo. Concurrent to the movement of Argentines and Brazilians who returned from their psychoanalytic trainings in Buenos Aires, we found a rupture path with the IPA (International Psychoanalytical Association) already happening in Brazilian soil and counting on the Christus Sacerdos Course as one of the conditions of this search process for collective spaces for the expansion of Freudianism in the gaucho situation of psychoanalysis.

Keywords: Psychoanalysis; Psychoanalytic Movement; São Leopoldo; Christus Sacerdos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 HISTÓRIA, MEMÓRIA E PSICANÁLISE.....	11
3 O INVENTÁRIO URBANO: A TÁTICA EM PESQUISA	15
4 IMPLEMENTAÇÃO DO FREUDISMO NA SITUAÇÃO GAÚCHA (1920–1970) ...	19
4.1 A Companhia de Jesus (1844) na Colônia São Leopoldo e o <i>Christus Sacerdos</i> (1966-1970)	20
4.2 Géza Kövecses (27/05/1921 – 12/06/1967).....	24
4.2.1 A Psicanálise na vida de Géza e sua aproximação do Círculo Carusiano	28
5 <i>CHRISTUS SACERDOS</i> (1966-1970)	32
5.1 Impressões dos Padres acerca do Processo Analítico	34
5.2 A participação de Michel de Certeau no <i>Christus Sacerdos</i>	37
5.3 A edição do Curso de 1969 e as intervenções da ditadura militar brasileira: asilo e fuga de Frei Betto e prisão de cursistas	40
6. IGREJA CATÓLICA E PSICANÁLISE: EFEITOS DO <i>CHRISTUS SACERDOS</i> NO MOVIMENTO PSICANALÍTICO DO RIO GRANDE DO SUL	43
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICE A - LISTAS PARTICIPANTES DO CURSO	57
ANEXO A - FICHA PADRE GÉZA KÖVECSES - ESCRITOS ENVIADOS À ROMA PARA CENSURA	62
ANEXO B - NECROLÓGICO DO PADRE GÉZA KÖVECSES	63
ANEXO C - PROGRAMA DO CURSO <i>CHRISTUS SACERDOS</i>	64
ANEXO D- DESENHO ATRIBUÍDO AOS PARTICIPANTES DE 1968	66
ANEXO E - CADERNOS DE REGISTROS DE AULA DE MICHEL DE CERTEAU .	67
ANEXO F - MEMORANDUM ESCRITO POR PADRE LÉO SENO ETGES.....	72

1 INTRODUÇÃO

Sou historiador porque sou filho da morta e o mistério do tempo me persegue desde a infância. Até onde remontam minhas lembranças, encontro-me fascinado pela memória. (Chaunu, 1989, p. 63).

Quando Delma se casou com Luiz, em 1971, obteve autorização para o parto hospitalar de sua primogênita. Ser uma mulher casada era o pré-requisito das irmãs que coordenavam o hospital católico da cidade. Na ocasião da legalização do matrimônio, subtraíram-na o sobrenome paterno. Passaria a assinar com o sobrenome do marido. O sobrenome paterno perdido - junto com as fragmentadas narrativas - dizem respeito a Otto Klinhimer Michel, filho de alemães, nascido em 1917, intérprete do que restava da língua e do dialeto dos familiares e trabalhador do tambo de leite e da olaria da cidade de Gravataí. Otto faleceu em 1968. *Causa mortis* narrada por sua filha mais nova: loucura. A linhagem paterna me confere o sobrenome do pai exclusivamente pela via da lei dos registros civis. O sobrenome materno é o filho da morta, é o remontar de lembranças e o fascínio.

Foi o instante de ver esses nós que inscreveram a pesquisadora a ficcionar e criar suas ausências dando forma aos direcionamentos dessa pesquisa que começaram com a busca pela história da Psicanálise em São Leopoldo que logo revelou efeitos no movimento psicanalítico do Rio Grande do Sul. Durante esse percurso apareceram os fios trançados pela colonização alemã nesse território e pelo engendramento dos jesuítas da Companhia de Jesus, que ao longo do último século escreveram e definiram os rumos do ensino na cidade de São Leopoldo. A Psicanálise no centro de uma colônia com um marco religioso de fervor também colonizador.

Tornou-se necessário olhar os efeitos da colonização que coabita essa urbanidade. Efeitos que fizeram nós, que produziram discursos e que se engendraram na prática clínica nas paredes d'A Urbe, que produziram colônias, comunidades, círculos. Essa pesquisa foi e segue delimitada pelo momento histórico, que traz indícios de se configurar como o mais avassalador dessa geração: o genocídio em forma de governo na repetição histórica do fascismo e a pandemia de COVID-19 que até o fechamento desse parágrafo detém o sobrenome de 652 mil brasileiros mortos ou, os que esse governo permitiu contar. O isolamento afastou

fisicamente a pesquisa na Universidade, os trilhos do trem, da clínica. Passando a habitar mais os mesmos cômodos da casa.

Essa pesquisa ocupa-se dos restos e rasuras do que foi possível coletar de rastros históricos que ainda marcam a história do freudismo na situação gaúcha. Do impossível do corpo que não pode alçar caminhadas para ouvir histórias na operação historiográfica, existem sobras da história que os olhos não cessam de alcançar e de relançar a todo tempo, em toda vírgula documental e em cada escuta-testemunho para que então, pudesse ser escrita como um inventário.

Entre arquivos censurados, rasurados, esquecidos, incompletos e em clausura por mais de 50 anos utilizamos essa escrita como um convite a inventariar a história. Uma história cruzada entre a Igreja Católica e a Psicanálise em um momento de disputa pelo legitimismo do freudismo em solo gaúcho. Consideramos esse movimento de aproximação dos jesuítas com a psicanálise um fato histórico que aparecia inicialmente em entrevistas ou na nascente de alguns grupos psicanalíticos gaúchos.

Esse trabalho é dedicado aos testemunhos recolhidos em escutas e principalmente em crônicas dos padres participantes do curso que escreveram diários em tom testemunhal entre os anos 1967 à 1970. Além dos documentos das reverberações do trabalho analítico dentro do Colégio Cristo Rei, na cidade de São Leopoldo (RS), embrião da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Esse ponto empoeirado da história com arquivos censurados por Roma, abertos 55 anos depois, para contribuir com o estudo da história da psicanálise na situação gaúcha. Uma história de ausências, de liberdade, de encontros. Com memorialistas, com poetas. Vidas feitas de muitas vidas.

2 HISTÓRIA, MEMÓRIA E PSICANÁLISE

O passado é, também, ficção do presente. (Certeau, 2016 [1987], p. 23).

Pablo Neruda, em *Confesso que vivi* (1980 [1974]), aponta que as memórias do poeta são diferentes da memória do memorialista. Entendendo a entrega demasiada que esse último emprega em fazer reviver as reminiscências ou que diverte, termo do poeta, com a perfeição aos detalhes. Assim, o poeta é aquele que suporta o escape da memória, o cristal em pó que nada reconstrói sem viver em si a galeria de fantasmas da sombra de sua época. As vidas do poeta é a vivida de outras vidas como as folhas que amarelam e deixam a uva para transformar-se em vinho.

Neruda passou vinte e um anos exilado e após dois anos de volta ao Chile, seu país de origem, discute-se até hoje a sua causa mortis, de fato, simbolicamente, Neruda morreu no golpe sofrido pelo companheiro Allende e a ascensão brutal do ditador Pinochet ao poder em 1973. Na mesma linha de Neruda, dos intelectuais envolvidos na política, Eduardo Galeano vai em 1976 para o exílio. De Galeano mantemos a herança d'*As veias abertas da América Latina* (2017 [1978]).

Reconstrói-se aqui a relação do sujeito com a memória e o exílio. O remontar dos tempos e a brutalidade implantada ao longo de séculos de colonização na América Latina. Em especial, nos últimos 100 anos, com a demarcação de dois pensadores que se utilizaram da poesia e da prosa para contar de um povo por ele mesmo. As vidas e as vozes dos poetas.

Esteve Freud sobre a influência do exílio em suas escritas? Em *Transitoriedades* (2010 [1916]), Freud parece reconstruir a sua posição poética para o enfrentamento das guerras, à ascensão do nazismo e um caminho de preservação para as construções da Psicanálise.

É a ligação estreita entre a Psicanálise e a memória que faz com que Certeau dialogue em todas as suas obras, nesse trabalho tomado por *História e Psicanálise: entre ciência e ficção* (2016 [1987]) e *A escrita da história* (2017 [1975]). Certeau, jesuíta, coloca em questão para os historiógrafos o lugar do pesquisador, como quem formula na operação historiográfica também a posição transferencial do historiador.

É em Certeau que os acordes psicanalíticos começam a entoar no estudo da história de maneira mais harmônica. Pontuando a descoberta freudiana do retorno do reprimido como uma nova concepção de tempo e de memória. É na instância da consciência que vivem, de maneira simultânea, a máscara ilusória e os vestígios efetivos dos acontecimentos que organizam o que chamamos de tempo presente. Nesse tempo presente o passado retorna naquele que julgou ter rejeitado. O morto que assombra o vivo, o esquecido então passa a ser uma ação contra o passado e o vestígio mnésico, o retorno do dito esquecido, como uma ação do passado forçado ao disfarce. É aí, à revelia do proprietário ou para a inquietação da consciência que um esconderijo de restos se inscreve como a lei do outro. (Certeau, 2016 [1987]).

A historiografia, apontada na obra de Certeau, embora postule continuidades, como a genealogia, entre os historiadores que operam o seu objeto de pesquisa, também separa-os em tempos organizando o tempo presente como uma prática e um “outro” tempo demarcado pelo passado estudado, forjando uma distinção do material que estuda em uma encenação escriturária onde o discurso de saber interpretativo do pesquisador pretende dominar o passado que escreve em captura, na ilusão de torná-lo representado e conhecido. (Certeau, 2016 [1987]).

É na crítica ao modelo operado pela historiografia que Certeau faz as postulações necessárias para as contribuições psicanalíticas no estudo da história, principalmente no que diz respeito às concepções de passado e presente. Para a historiografia, a linearidade coloca os acontecimentos um ao lado do outro, em sucessividade e a Psicanálise toma os efeitos da imbricação, da repetição, do equívoco, dos jogos de reviravolta e ambiguidade. É o encontro desses pensamentos que torna possível e limitada a aproximação da Psicanálise e da Historiografia. (Certeau, 2016 [1987]).

É tarefa da Historiografia fazer *como se* articulasse o real e o discurso. Do exame de uma operação historiográfica emerge os questionamentos sobre a relação que o discurso mantém com o real e as alianças entre a escrita e a história. É também a historiografia que se intenta capaz de compreender o passado apresentando a morte, nos cortes do discurso, sob um véu de fingimento o privilégio de um tempo “presente” que recapitula o “passado” num saber, “trabalho de morte e trabalho contra a morte”. (Certeau, 2017 [1975], p. 14).

Para Certeau (2017 [1975]), um trabalho que se apresente como historiográfico deve considerar que “o passado é, também, ficção do presente” (p. 23). Assim, sete anos após a publicação de *As veias abertas da América Latina* (2017 [1978]), Eduardo Galeano aponta os sacrilégios que teria cometido ao contar a história falando de política “no estilo de um romance de amor ou de piratas” (p. 347). Nesse livro que, em sua e em nossa análise “não foi um livro mudo”, repugna-se de ler obras politicólogas escritas em código e onde a linguagem hermética não garante a profundidade da reflexão. O enfado de ler obras que são incapazes de comunicar e próprias para esconder, bendizendo a estabelecida ordem que confirma o conhecimento como um privilégio das elites. Reconhecendo que a história não perde o seu lugar de mestra cruel.

A história é compreendida por Michel de Certeau enlaçada com os conceitos freudianos, oscilando entre dois polos: a história que é contada e a que é feita. Entre esses polos há um espaço de trabalho do historiador que passa do primeiro, visando o segundo, abrindo no texto de sua cultura a brecha de algum acontecimento. Esse trabalho de produzir a história que opera deslocamentos, acrescenta peças, estabelece distanciamentos e comparações. Nos indícios do que uma sociedade organiza antecipadamente, o historiador é aquele que remete a construção desaparecida, ou seja, um criador de ausências. (Certeau, 2017 [1975]).

Assim a mesma operação historiográfica que transforma a relação do historiador com o objeto passado do qual tratava também transforma a relação interna entre os documentos que designavam este objeto e agora passam a produzir sua história. Não se tratando de uma concepção freudiana da história e nem uma medida de resultados de interpretações freudiana na investigação histórica, mas o desvelar as incursões de Freud na região histórica de sua cultura. Certeau aponta o grande número de trabalhos em história que se usam de conceitos psicanalíticos como uma retórica, se transformando em figuras de estilo onde a morte do pai, o Édipo ou a transferência servem para tapar obscuridades da operação historiográfica como utensílios decorativos do qual os historiadores se servem para cobrir pudicamente o que eles não compreendem. (Certeau, 2017 [1975]).

O discurso ficcional na produção da história se opõe fundamentalmente à historiografia articulada com a ambição de dizer o real, conforme Certeau (2016 [1987]). A operação historiográfica parte da possibilidade de assumir as suas perdas, lugar onde a memória se põe na operação nada passiva de esquecer, como uma ação contra o passado e no registro mnésico, onde o esquecido retorna, ou seja, uma ação do passado. Toma-se o inventário da história considerando o modo como a psicanálise se ocupa da memória: lugar de repetição, de equívocos, de ambiguidades e reviravoltas transcritas num texto que declara uma relação com o lugar singular de uma produção, um lugar ficcional.

3 O INVENTÁRIO URBANO: A TÁTICA EM PESQUISA

Está pelos totens da cidade a inscrição: “São Leopoldo – Berço da Colonização Alemã no Brasil”. No dia 25 de julho uma parte dos moradores toma a Rua Grande em comemoração ao “Dia do Colono” – data que em 1824 marca a chegada dos imigrantes nas instalações da Feitoria do Cânhamo, localizada à margem esquerda do Rio dos Sinos. Schossler (2017) produz uma breve análise histórica sobre a Feitoria do Cânhamo, anteriormente ocupada por negros escravizados e indígenas. Decorrente de uma empresa estatal que era responsável pelo plantio de *Cannabis Sativa L* e cujas fibras eram utilizadas para manufatura de cordas e velas para navios, o cânhamo.

O acordo estabelecido com os colonos suíços em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, seguiu o mesmo parâmetro proposto pelo governo geral aos alemães que se instalaram na Colônia de São Leopoldo: concessão gratuita de terras, ferramentas e subsídios. Marcava a necessidade do governo de criar uma classe média na estrutura social brasileira considerados “capazes” de desenvolver uma policultura e suprimindo uma necessidade política de formação de esquadrões de soldados que defendessem a independência brasileira. (Cunha, 2018).

Netto (2013) propõe discutir o conceito de urbanidade a partir da filosofia, invocando o urbano como um aspecto da experiência humana: “a experiência do mundo e o do Outro é profundamente mediada pela cidade - como uma estrutura do sensorial, como emaranhado da ação e interação ancorados sob a forma de lugares e espacialidades” (p. 235).

Inventário é um termo jurídico que designa um estudo sobre o patrimônio ou legado de alguém para fins de partilha entre os herdeiros. Pimentel (2013) torna a função de inventariar similar à função de inventar, servindo para marcar a existência de algo e movido por uma demanda que vem de fora ou do próprio inventariante. Desse modo, a construção desse pensamento de pesquisa, retoma a ideia de inventário urbano como possibilidade de historicizar a cidade.

A historicidade, ou a história-cidade capilé, adjetivo do que nasceu em São Leopoldo (RS), é constituída por uma urbanidade repleta de construções históricas, monumentos jesuíticos, praças, marcas do povo colono, negro, indígena e açoriano que inventariam e corpografam a urbe de São Leopoldo.

A utilização do termo colono, nessa escrita, está ligada ao sinônimo do imigrante alemão e seus descendentes que trabalhavam com o campo nas colônias. Entende-se e não se exclui a reflexão de que, após a Campanha de Nacionalização, medida tomada por Getúlio Vargas no período do Estado Novo (1937-1945), a palavra colono foi reinscrita como um sinônimo pejorativo designando alguém de maneira rude, pouco culto, vestido de maneira simples, deslegitimando a expressão e organização cultural do povo teuto-brasileiro movido por razões políticas. (Mombach, 2012).

Entre 2008 e 2015 nos corredores da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, coordenada pela Companhia de Jesus, nessa mesma cidade, haviam testemunhos orais em tons de nostalgia de um tempo repleto de nomes significativos que ensinaram Psicanálise naquelas salas de aula. Seguíamos estudando Psicanálise em paralelo ao Bacharelado em Psicologia, assistidos, direta ou indiretamente, por professores da segunda ou terceira geração de alunos e alunas desses psicanalistas. Ocorria-me pensar que solo fértil teria sido aquele grande campus universitário, como havia se formado e o quanto havia deixado rastros para estudos de Psicanálise. Assim, a dissertação iniciou sua construção a partir da pergunta: de que modo o pensamento psicanalítico se engendrou historicamente na cidade de São Leopoldo?

Os estudos da história dos movimentos em torno do freudismo lançaram essa pesquisa à Universidade Federal do Rio Grande do Sul com a proposta de compreender, pela via histórica, o que também fazia eco na prática clínica imbricada em estudos sobre a urbanidade de São Leopoldo. A contribuição da tese, ainda não publicada, de Ana Maria Gageiro e suas contextualizações históricas sobre a *Psicanálise no Rio Grande do Sul*, de 2001, traz elementos sobre a existência de estudos na década de 50 e 60. Entre os membros do que, posteriormente, se chamaria de Círculos Carusianos, com a proposta de estudar Freud fora dos enquadres da IPA (*International Psychoanalytical Association*) e com atuante presença de padres jesuítas de Pelotas e São Leopoldo.

Essa pesquisa é um recorte histórico da participação de analistas vinculados ao Círculo Carusiano e da presença dos padres jesuítas na elaboração e execução do Curso *Christus Sacerdos*, que teve cinco edições (1966-1970) com ênfase em Teologia Renovada e Psicanálise. Os padres participantes, todos com cargos importantes na formação do clero e vindos de todo Brasil, participaram de aulas

sobre psicanálise e de sessões de análise individuais e grupais e as possíveis reverberações desse movimento na história da psicanálise no Rio Grande do Sul, visto que as atividades do curso foram ministradas no Colégio Cristo Rei, na cidade de São Leopoldo.

A metodologia do trabalho historiográfico utilizada por Roudinesco (1995) consiste em formar um *corpus* de pesquisa de quatro segmentos com ligação entre si. O primeiro diz respeito à identificação e catalogação de livros e teses dedicados ao estudo da História da Psicanálise no contexto histórico; o levantamento e apuração das produções contribuíram para a difusão do freudismo no contexto estudado é o segundo item de formação do *corpus* de pesquisa; o terceiro diz respeito ao acesso à fontes impressas e arquivos, principalmente manuscritos e cartas de pessoas que desempenharam funções importantes do ponto de vista histórico; e o quarto é recolhimento e a análise crítica de testemunhos, dando ênfase à tradição oral, identificando possíveis confrontos entre as narrativas e as fontes impressas e manuscritas.

Caberia então, diante dos limites de coleta desse *corpus* de pesquisa em razão da pandemia de COVID-19, o uso da Tática, conforme Certeau em *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (1990 [1980]), que implica num conjunto de ações possíveis, em função das circunstâncias, opondo-se à Estratégia como um modo de administrar um conflito em sua totalidade, a Tática requer flexibilidade, e é aplicada a realidades “mutantes, fugazes, desconcertantes e ambíguas, incapazes de serem administradas por meio de medidas precisas”. (Pimentel, 2014, p. 135).

Para tal, recorro novamente ao uruguaio Galeano, que se usou de táticas que integravam análise histórica à narrativa literária. Transformando numa relação de cumplicidade a relação entre história e literatura, como aponta André Francisco Berenguer de Araújo em sua dissertação intitulada: *Eduardo Galeano: Devolver à História o alento, a liberdade e a palavra*, de 2013.

Essa pesquisa realizou 20 escutas de pessoas ligadas direta ou indiretamente ao momento histórico em questão e quatro visitas presenciais ao Arquivo Provincial da Associação Antônio Vieira da Companhia de Jesus na cidade de Porto Alegre (RS), com acesso supervisionado aos arquivos de Géza Kövecses e do Curso *Christus Sacerdos* e com a colaboração do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul que cedeu a obra *Comunicações* de Kövecses e artigos sobre a história do movimento Carusiano no Brasil.

Selecionamos inicialmente pessoas ligadas diretamente ao fato histórico iniciando as entrevistas de maneira presencial. Após a realização de duas entrevistas completas entramos em quarentena devido à pandemia de Covid-19 e passamos a realizar escutas por meios digitais (mensagens, e-mails e entrevistas online). Consideramos inclusive as entrevistas negadas pelo estado de saúde do entrevistado e as negativas à pesquisa que aconteceram em quatro situações.

Consideramos arquivos pertinentes ao fato histórico recolhidos do Arquivo Provincial, em especial os da pasta de Géza Kövecses, as crônicas do diário do *Christus Sacerdos* e os documentos que tratavam da experiência do Curso e suas reverberações na comunidade eclesial e o acesso parcial a escritos de Géza, chamados *Diário dos últimos Dias*, onde relata seu encontro com a morte em 1967. A pesquisa conta ainda com os arquivos cedidos pelo Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul sobre a história do Círculo Carusiano gaúcho e a obra *Comunicações do Padre (Pe.) Géza Kövecses* que foi transcrita por João José de Oliveira Freitas em 1967.

Uma tiragem de 50 exemplares dessa obra foi entregue ao Padre Edvino Friederichs por João de Freitas em dezembro de 1967. O exemplar que compôs essa pesquisa é o de número 56, remetido em 2004 ao psicanalista Natal Facchini e foi disponibilizado para essa pesquisa pelo psicanalista Cleo Mallman do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul, em agosto de 2021.

A obra *Comunicações* (ANEXO A) aparece numa ficha sem identificação e localizada na pasta de Géza com a seguinte inscrição:

03. 06. 1968 – deu a um leigo, ex- SJ, seus escritos que os multiplicou. Dois exemplares vão à Roma para censura.

Desse modo, os documentos encontrados no acervo histórico e esse último censurado pela igreja, mas encontrados no arquivo de uma instituição psicanalítica, tomaram grande parte do trabalho, especialmente, pelo tom testemunhal presente nas escritas.

4 IMPLEMENTAÇÃO DO FREUDISMO NA SITUAÇÃO GAÚCHA (1920–1970)

A implantação do freudismo se dá por duas vias de acesso: a primeira médica e psiquiátrica e a outra intelectual (literária ou filosófica). Utilizaremos o termo situação gaúcha da psicanálise para diferenciar o sistema de pensamento, sem lugar ou fronteiras, do lugar desse sistema de pensamento em sua história que, como propõe Roudinesco (1995, p. 39), supõe a existência de condições nacionais ou linguísticas.

No caso da situação gaúcha, partiremos da tese de Gageiro (2001), que situa as décadas de 1920 e 1930 como o início do movimento no Rio Grande do Sul pela via literária com Martim Gomes, professor de ginecologia nascido em Quaraí na fronteira do estado, com obras sobre seus próprios sonhos e romances onde o médico interpreta seus pacientes a partir da psicanálise e Dyonélio Machado, médico psiquiatra do Hospital São Pedro, que constrói personagens com elementos e conflitos psíquicos a partir da compreensão psicanalítica.

Em 1934 o curso *Elementos de Psicanálise* passa a ser lecionada por Celestino Prunes na Universidade do Rio Grande do Sul, além de Luiz Guedes, psiquiatra e professor por 37 anos na Faculdade de Medicina que teve contato com a obra de Freud durante sua graduação em medicina no Rio de Janeiro.

A proximidade com Argentina permitiu que Mario Martins e Zaira Martins realizassem sua formação e retornassem para o estado iniciando as análises didáticas, apontado por Gageiro (1997) como fundadores do movimento psicanalítico do Rio Grande do Sul. Zaira, que estudou e se analisou com Arminda Aberastury tornou-se a primeira psicanalista de crianças e adolescentes do estado, na década de 1960. É a única mulher que a sociedade psicanalítica manterá em seu quadro sem formação médica.

Cyro Martins, também após sua formação na Argentina, formará com Mario e Zaira a primeira geração de analistas de Porto Alegre. Fundando junto aos analistas didatas, em 1957, o Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre que em 1963 é reconhecida pela IPA (*International Psychoanalytical Association*) como Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). A SPPA manteve sua hegemonia junto à IPA por 20 anos e manteve estreitos vínculos com o movimento psiquiátrico gaúcho, mantendo a premissa “ser psicanalista é ser psiquiatra” e alternando o poder entre a Direção de Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade

Federal do Rio Grande do Sul e a direção da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. (Gageiro & Torossian, 2014).

Vetada aos não médicos a situação gaúcha da psicanálise foi encontrando movimentos para a ruptura com o legitimismo forjado pela IPA (*International Psychoanalytical Association*) e aqui encontramos, em 1950, o movimento carusiano. Caruso era bem quisto pelos católicos que até então passavam pelo nome de Freud como um pansexualista. A Psicologia Profunda, outro nome dado aos Círculos Carusianos, crescia entre as sociedades não filiadas à IPA. O Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul, em Pelotas, foi o primeiro Círculo fora da Áustria.

Em 1956, Igor Caruso esteve em Pelotas, Porto Alegre e São Paulo para uma série de palestras nas Universidades Católicas. A proposta de inclusão da dimensão filosófica e religiosa na visão de homem atraía adeptos ao Círculo. Na ocasião da estadia de Caruso no Brasil fundou-se o Círculo Brasileiro de Psicologia Profunda, destacado aqui pela assinatura na ata de fundação de Géza Kövecses, padre jesuíta e professor no Colégio Cristo Rei em São Leopoldo. (Mallman, 2014).

Amoretti (1992) aponta interesse do Círculo em aproximar-se da Igreja Católica, nesse momento de mútuo interesse Géza elabora e coordena dois cursos para religiosos: o *Christus Sacerdos* para padres (e que na edição de 1970 contou com 8 freiras, informação que só tivemos acesso pelo arquivo do Curso) e o *Ancilla Domini* para freiras. O resultado dessa experiência foi a saída de muitos religiosos e religiosas de suas Ordens Religiosas, alguns passaram a integrar o Círculo. Em 1971, por ordem de Dom Vicente Scherer, o curso chegou ao fim, entretanto, sendo os participantes grandes lideranças de formação do clero, o efeito continuaria refletindo em todo o país e nas mais diversas Ordens da Igreja.

4.1 A Companhia de Jesus (1844) na Colônia São Leopoldo e o *Christus Sacerdos* (1966-1970)

A atividade da Companhia de Jesus iniciou na Colônia São Leopoldo em 1844, vinte anos após a chegada dos primeiros imigrantes, que eram em sua maioria protestantes. A Província de São Pedro do Rio Grande do Sul fazia parte do Bispado do Rio de Janeiro de 1748 à 1848, igualmente responsável desde a capitania do Espírito Santo até o Rio da Prata. (Bohnen & Ullmann, 1989).

A primeira missão dos jesuítas foi coordenada por um grupo de padres espanhóis destinados a ações no interior do estado. Bohnen e Ullmann (1989) relatam que os colonos estavam desejosos pela presença constante de um padre e que as missões tinham duração de apenas oito dias. A questão central, também para essa pesquisa, diz respeito ao primeiro impasse dessa missão: a língua. “O problema principal aqui foi mais uma vez o da comunicação: os colonos não entendiam o idioma português e os padres desconheciam o alemão”. (Bohnen & Ullmann, 1989, p. 97).

Os jesuítas garantiram que “Deus falava àquela boa gente” em razão do “fervoroso espírito de fé dos colonos”. (Bohnen & Ullmann, 1989, p. 98). Os protestantes assistiam as procissões, diante de suas casas, sem cometerem nenhum desacato e desvelavam assim o medo existente entre os católicos de que os não católicos pudessem armar represálias às suas expressões de fé. A obra *A Atividade dos Jesuítas em São Leopoldo (1844-1989)*, coordenada pelo Padre e ex reitor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos Aloysio Bohnen e elaborada por Reinholdo Aloysio Ullmann escrevem sobre esse imaginário do protestante que cometia represálias em nome da religião. Ou seja, soa imaginariamente como um remontar de ambiente hostil que tinha a religião como centro.

O apelo catolicista, em língua alemã, trouxe em 1849 três padres (um polonês, um tcheco e um silesiano) e escolheu a Picada Dois Irmãos como ponto central de seus trabalhos. Parece estratégica a escolha do núcleo de seus trabalhos, a Picada de Dois Irmãos pois além de ser a maior de todas ainda reservava o maior número de protestantes, espaço onde os católicos teriam empreendido cultos leigos, onde um dos colonos mais velhos subia os degraus de um altar com dois meninos mais jovens e entoava cantos, ato que dividia a população entre os que concordavam com as celebrações e os que condenavam o ato. Ali estava o Dr. Hillebrand, descrito como Diretor-Geral da Colônia buscando, em vão, apaziguar os ânimos acompanhado de um pastor protestante. (Bohnen & Ullmann, 1989).

Os jesuítas alemães passaram também a uma espécie de missionarismo, semelhante aos das reduções, proibindo casamentos mistos, batizando protestantes que desejavam tornar-se católicos no leito de morte, sendo recebidos à tiros em algumas picadas. De fato, os protestantes já haviam se instalado e elaborado um sistema de ensino nas comunidades e a igreja católica estava perdendo também o campo da educação. Em 1869 os jesuítas e as demais ordens católicas dariam início

ao trabalho de formação de professores para atuar em escolas paroquiais no Ginásio Conceição. (Bohnen & Ullmann, 1989).

O Ginásio Conceição é o ponto de partida do primeiro entrevistado desse trabalho, do desenvolvimento dos estudos e da chegada de padres de diversos lugares do mundo, constituiu-se, em 1953, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, embrião da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. *Virtus et Scientia* (Virtude e Ciência) tornar-se-ia o binômio orientador da atividade dos loiolanos em São Leopoldo. Luiz Osvaldo Leite é registrado como 3º colocado na lista dos primeiros vestibulandos da turma fundadora desse curso em Filosofia, em 1954. (Bohnen & Ullmann, 1989).

Entre os professores citados e que enlaçam as primeiras notícias de grupos de estudos em Psicanálise em São Leopoldo está o docente Lucio Moehlecke, que se ocupava da disciplina de Lógica. Moehlecke, junto com Cirne Lima, estudou Filosofia na Alemanha, tendo retornado dos estudos e organizado um grupo para leitura de Freud, um caminho próprio e autodidata.

O Padre húngaro Géza Kövecses chega ao Brasil em 1953 e dois anos após aprender português ocupa a importante função de Orientador Espiritual dos sacerdotes em formação. Géza conversa com seus orientandos, ouvindo seus anseios e aconselhando-os. Para ocupar essa função é necessária uma relação de extrema confiança já que a figura do orientador espiritual não pode agir eclesiasticamente contra o orientado, deve ouvi-lo e aconselhá-lo. Era comum que os Orientadores Espirituais ouvissem anseios sobre as questões sexuais dos sacerdotes, cabendo salientar que a igreja enfrentava dificuldades na orientação dos padres para a manutenção do celibato. Questões intelectuais também o colocavam como orientador dos filósofos e teólogos do curso da Faculdade, que estava aberta para admissão de não-padres.

Géza foi o homem que melhor conheceu muitas das figuras importantes no desenvolvimento deste trabalho. Sendo orientador de Lúcio Moelecke e entendendo a dimensão dos efeitos que o estudo em Psicanálise causava no grupo empreendido pelo jovem padre, Géza se dispôs a procurar Malomar Lund Edelweiss, também padre jesuíta e diretor da faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Pelotas, que se analisou com Caruso, em Viena, de 1953 à 1956.

É a partir do trabalho de Géza na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que inicia o Curso *Christus Sacerdos* (1966-1970), o atual Centro de Espiritualidade Cristo Rei (CECREI) antiga Faculdade, em pequena nota divulgada nas redes sociais, enfatiza que o curso de quatro meses fora promovido e autorizado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), sem nenhuma menção ao nome de Géza, e que teria contado com 78 participantes. (CECREI, 2020). Os arquivos de matrícula (APÊNDICE A) indicam a participação de 87 religiosos.

Luiz Osvaldo Leite, em *Octogesima adveniens – Chegando aos Oitenta...* (2012), relata que realizou o curso em 1968. Em entrevista relata que o curso tinha duas ênfases: Teologia Renovada e Psicanálise e que os padres ficavam durante quatro meses em estadia no local, tinham aulas e faziam análise cinco vezes na semana, sendo três sessões individuais e duas grupais. Os entrevistados nessa pesquisa presumem que pelo menos metade dos padres decidiram deixar a vida religiosa após a experiência do curso. A pesquisa não obteve acesso aos documentos históricos que confirmem essa informação.

Entre os docentes das primeiras turmas do curso, na ênfase de Teologia Renovada, esteve Hugo Assmann, teólogo e educador, ordenado padre em Roma em 1958, precursor da Teologia da Libertação, recorrendo às ciências sociais como mediadora do discurso teológico. Assmann, após o golpe de 1964, teria entrado em conflito com o conservadorismo de Dom Vicente Scherer, Arcebispo de Porto Alegre e em 1968 exilou-se na Alemanha após o Ato Institucional n. 5. (Pucci; Oliveira & Betty, 2012).

Os colegas de curso provinham de diferentes países (Alemanha, Brasil, Espanha, Estados Unidos e Itália) e de diferentes estados brasileiros (Amazonas, Bahia, Maranhão, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul e São Paulo), o que tornava o ambiente riquíssimo. Éramos dezoito, incluindo padres seculares e religiosos capuchinhos, carmelitas, franciscanos, josefinos, lazaristas, missionários da consolata, dos Sagrados Corações e do Sagrado Coração de Jesus, pavonianos, redentoristas e padres da Santa Cruz. Sempre denominei o curso de 'A Cuernavaca Brasileira', aproximando-a da experiência mexicana. A nova visão teológica conciliar e a experiência da psicanálise, que se movia na linha de Igor Caruso, sacudiu-me profundamente e motivou-me a consumir a decisão de deixar a vida religiosa e voltar ao estado leigo. (Leite, 2012, p. 46).

A Igreja Católica e a Psicanálise enfrentaram momentos pendulares, de um extremo a outro, que nunca cessaram e tiveram seu ápice entre 1960 e 1970. Da proibição de 1961 de clérigos e religiosos praticarem a profissão de psicanalistas e de submeterem à análise sem autorização do bispo passando pela experiência do Mosteiro Beneditino de Cuernavaca (1962) no México e logo pelo “*aggiornamento*”, ou seja, abertura de diálogo proposta pelo Concílio do Vaticano II (1952-1965), conforme Araújo (2012). É essa relação pendular encontramos ao historiografar o Curso *Christus Sacerdos*.

4.2 Géza Kövecses (27/05/1921 – 12/06/1967)

Pareço calmo, sem paixões, calado, humilde... bem sei, porém, como se agitam as paixões, vulcanicamente, nos abismos da minha existência! (Kövecses, 1967, p. 6).

Géza Kövecses, nascido em 27 de maio de 1921 em Budapeste, na Hungria, onde finaliza sua formação em Teologia e ingressa na Companhia de Jesus em 1941. Segundo Spohr (2011), Géza segue seus estudos na Áustria, Itália e França e chega a Porto Alegre em 18 de novembro de 1953. Em 1955 começa a lecionar no Colégio Cristo Rei em São Leopoldo.

Ao elaborar a obra *Comunicações*, Géza escreve em seu Diário em 02 de maio de 1967 (n/p): “Há mais de dez dias que nada anotei no meu diário. A razão, entre muitas, é que ditei várias de minhas experiências no ditafone”, entregaria posteriormente à João José de Oliveira Freitas, ex-jesuíta, pedindo uma revisão para posteriormente levar aos seus superiores e pedir as licenças necessárias para a publicação, Géza chamava a obra escrita de testamento. Duas vias foram enviadas por João ao padre no dia 10 de setembro, porém sua morte ocorreria em 12 de junho. O livro, datilografado, conta com vinte e duas comunicações e, ao que indicam os registros do Diário de Géza, fora ditado em pouco mais de 10 dias.

Em *Introitus, Primeira Comunicação*, Géza esclarece que começa essa escrita a pedido de seus superiores. Em breve apresentação do texto e de si, Géza conta de sua vida, dos abismos da malícia, da presença de sua fé e sua experiência de “libido e orgulho”. (Kövecses, 1967, p. 8).

Padre Géza reconhecido pela tradução dos *Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola* (1966) refere um dos pontos em que o exercitante deve lembrar o passado, os lugares onde viveu cargos e trabalhos, e em seu leito de morte, Géza é acompanhado também de suas “memórias de pecado”. (Kövecses, 1967, p. 8).

Acompanha também suas memórias de orgulho diante de familiares e dos seminaristas, seu destaque pessoal entre os irmãos biológicos e da igreja. “Após a entrada na Companhia (de Jesus) foi com muita dificuldade que suportei as humilhações ... julguei os superiores, sobretudo se algo obstinados, autocráticos ou deficientes de bom senso ... suportei mal conformado observações, críticas, humilhações...”. (Kövecses, 1967, p. 8).

A libido e o orgulho, a sensualidade e a soberba são as fontes e raízes fundamentais, descritas por Géza, como acompanhantes durante a sua vida. Num processo dialético e mediado pela sua crença: “Essas paixões aguçaram-me a sensibilidade para com os outros, possibilitando-me compreendê-los, ajudá-los e, ao mesmo tempo, trouxeram-me humildade no agir”. (Kövecses, 1967, p. 8).

Em 1948, com 27 anos, Géza cursava o primeiro ano de estudos no Teólogo da Companhia de Jesus, em Seged, sul da Hungria, quando a já República Popular da Hungria, governada pelo Partido Socialista dos Trabalhadores Húngaros, governo antinazista e apoiado pelo Exército Vermelho (URSS) estatizou o sistema educacional húngaro que até então permanecia hegemonicamente nas mãos da Igreja Católica. Diante da resistência da igreja ao novo regime as propriedades do clero foram confiscadas e destinadas ao uso público. O cardeal da Hungria, József Mindszenty, se posiciona contrário ao Partido e incita que os fiéis organizem movimentos de oposição, resultando em intensas represálias e acusações de traição levando o cardeal e mais 50 clérigos à prisão. (Observatório da Laicidade na Educação - Olé, 2022).

É nesse cenário que Géza sai ilegalmente da Hungria, atravessando cidades e fronteiras “sem batina – trajando à paisana e... abraçando uma senhora conhecida” ou em fuga com guias clandestinos cantando canções populares “como rapazes que voltavam bêbados de um bar ou restaurante” ou com os óculos escondidos para não provocar desconfiança ao disfarce de camponês. (Kövecses, 1967, p. 20).

Durante a fuga, na estadia com o vigário de uma paróquia húngara: “Telegrafamos, então para Viena, ao Superior da Residência dos Padres Jesuítas, esperando por alguém que nos conduzisse à capital austríaca”, a Igreja Católica criava laços com o fascismo e o nazismo com o discurso de proteger-se e assegurar o futuro da instituição nesses regimes. Cabe ressaltar, como propõe Pereira (2019, p. 31), que “O cristianismo, de certa forma, ajudou a explicar o nazismo, dando-lhe embasamento teológico”, na instituição eclesiástica em que os pastores protestantes e bispos católicos contribuíram para manter a ideologia nazista no auge, além que proclamarem o antissemitismo e as teologias raciais.

Em 1951 e 1952 Géza registra sua passagem pela Itália. Nessa experiência foi banido de participar de estudos e pesquisas teológicas e, muito frustrado, alega ter se voltado contra a Igreja e seus superiores. Amparado por colegas, se sentiu confortado. Na *Oitava Comunicação*, Géza relata atitude hostil dos superiores, falta da orientação adequada e uma “olímpica” separação em que viviam os superiores, não entendendo o estado em que se encontrava e tampouco moveram-se para o auxiliar. “Estavam imobilizados pela ‘lei’, pela mais severa ‘prescrição’. Deles só ouvi censuras e críticas”. (Kövecses, 1967, p. 42). Uma íntima batalha de repressão e revolta levando Géza a sinais de neurastenia e depressão.

Em 1953 começa seu último exame de formação na França, empreendendo estudos sobre os aspectos metafísicos da existência. É também designado ao Brasil e se sentiu livre e dada “mais ou menos por encerrada” sua formação universitária. Atuaria como diretor da consciência no seminário, “um trabalho de aparência humilde, sem brilho exterior, escondido, que não exigia títulos ou diplomas especiais”. (Kövecses, 1967, p. 43).

Sua chegada ao Brasil foi tão polêmica quanto a sua atuação junto aos padres orientadores: “Às vezes, aqui no Brasil, mesmo alguns colegas jesuítas – que estreiteza de mentalidade!! – opinaram sobre minha situação ... com observações depreciativas, como se a eficácia pastoral se desvalorizasse por falta de certos diplomas”. (Kövecses, 1967, p. 44).

Na comunicação chamada *A pedagogia da Interiorização*, Géza discorre sobre os 13 anos na prática de direção espiritual em seminário. O texto é um diagnóstico baseado em pesquisas sócio religiosas sobre a conduta do sacerdócio brasileiro. Descreve a quantidade numerosa de homens não satisfeitos pelo sacerdócio e que buscam compensação em outras atividades, propondo a revisão

dos métodos pedagógicos até então utilizados, já que lhe parecia um problema entre os seminaristas também.

Com a sexualidade não dominada, não sublimada, mal interpretada, levando a grande confusão dentro da própria vida espiritual, cheios de escrúpulos ou, pelo contrário, vítimas de uma invasão do sexo, quase pansexualizados, pouca força interna resta-lhes para fazer o trabalho. Sua preocupação é como enfrentar as paixões ou se satisfazê-las. Posso afirmar que, quando não há verdadeira educação afetiva, desde o início, é possível que a pessoa gaste cerca de oitenta por cento das suas energias só em dominar as forças tremendas, que moram no seu inconsciente ... encontrei, igualmente, entre as personalidades desajustadas, os endeusados, exaltados, endemoniados ... em muitos religiosos são faltas as motivações da vocação. São homens ‘mascarados’”. (Kövecses, 1967, pp. 34-35).

Sporh (2011), padre jesuíta e historiador da Companhia de Jesus, ressalta que as preocupações de Géza com o clero brasileiro levaram-no a “alargar o seu campo de apostolado para fora dos limites do teologado”. (p. 322). Inicia então, em 1957, a estruturação de um curso voltado para formadores do clero que aconteceu entre 1960 e 1962, no Seminário de Viamão (RS), em três edições com a presença de 520 padres. O embrião do que seria o futuro Curso *Christus Sacerdos* (1966-1970) foi interrompido em 1963, “para rever os métodos e os objetivos do curso”. (Sporh, 2011, p. 345).

Em 1959, Géza escreve a proposta de criação de um Instituto para a Formação de Diretores de Consciência que contaria com professores de um Instituto Psicológico, observando que, em breve, muitos padres estariam se formando psicólogos. (documento retirado do arquivo de Géza Kövecses, datado de 1959, sob o título *Instituto Superior para Formação de Diretores Espirituais*)

Em seu material de uso pessoal encontra-se arquivos sobre a Antropologia Cristã, citada muitas vezes em Comunicações (1967). A forte influência de Karl Rahner (1904-1984), teólogo jesuíta participante da Comissão Preparatória do Concílio do Vaticano II, contribuiu para criar inovadores marcos de referência para o entendimento moderno da fé católica. (Trevisol, 2014).

Carrara e Machado (2017, p. 369):

Rahner estava convencido de que a fé não decorre da imposição arbitrária de uma lista de verdades reveladas, mas sim do assentimento livre de quem, porventura, vê-se capaz de admitir tais verdades, sem violência à sua consciência, a partir de uma experiência concreta do ‘Mistério Santo’ ao qual se encontra referido. Por isso, embora Rahner sustente que a oferta da

autocomunicação de Deus se dirija indistintamente a todo homem, ele perscruta quais são as reais condições de possibilidade que permitem a esse homem o acolhimento da auto manifestação divina em sua vida.

Percebemos que as filiações de pensamento de Géza estão em consonância com o que o Concílio apresentara de mais novo sobre a renovação teológica. No entanto, junto aos arquivos, encontramos cartas enfurecidas de seus colegas sobre as propostas progressistas de Géza. Sem assinatura, encontra-se um escrito junto aos documentos de nome *Necrológico*, semelhante a um inventário, o seguinte desfecho: “não se deve calar, que, principalmente nos últimos anos, ele criou grandes dificuldades aos superiores e que a mistura de direção espiritual, psicologia e psicoterapia foram funestas”. (ANEXO B).

No *Diário dos Últimos Dias*, de março de 1967, Géza relata seu processo de adoecimento em meio a segunda edição do Curso *Christus Sacerdos*. Géza morre no dia 12 de junho de 1967 em decorrência de um câncer, deixando em andamento seu trabalho no Curso *Christus Sacerdos*. Paira sobre as escritas dos cronistas do Curso a grande lamentação por parte dos seus dirigidos. Os analistas envolvidos no Curso também lamentam e suspendem suas atividades por algumas semanas.

4.2.1 A Psicanálise na vida de Géza e sua aproximação do Círculo Carusiano

Na Décima Primeira Comunicação, *A minha análise didática*, Géza destaca três motivos que o levaram ao processo analítico: necessidade de introspecção, a exigência de reflexões mais acuradas para esclarecer e ministrar orientações aos seminaristas (chama de profundidade dentro do clero) e, o terceiro, “a moda, então surgida entre os seminaristas, de ler livros sobre a psicanálise e aplicá-la a si mesmos”. (Kövecses, 1967, p. 56).

O professor Leite, em entrevista, aponta a existência de leitores de psicanálise entre os jesuítas, Géza Kövecses (1967) escreve:

Muitos professores talvez não houvessem lido nada a respeito do assunto e ficavam, por isso, mal qualificados perante os seminaristas. Era completa a desorientação nesse ponto e, como diretor de consciência, senti-me na obrigação de familiarizar-me com o problema, estudá-lo a fundo, para credenciar-me como orientador competente, capaz de dialogar sincera e proveitosamente com os seminaristas, à base sólida dos conhecimentos pessoais e de segurança quanto a realidade concreta, onde buscavam situar-se.

... a psicanálise, entretanto, era coisa mais do que suspeita, sobretudo nos seminários, ainda pelos anos 1950 a 1960. Especialmente os padres e educadores do clero, mal ouviam falar no assunto, logo pensavam em apostasia ou, quando menos, em desvios, desorientação, perversões, sexualidade e não sei o que mais.

Igualmente os educadores e superiores dos seminários, com receio dos superiores maiores, não permitiam a nenhum dos padres analisar-se, pois – imaginavam, com certeza, que daí poderia desencadear-se a confusão de todo o seminário. Tratava-se, pois, de verdadeiro tabu, que abismava a todos. (p. 56).

Géza enfrentara muitas dificuldades para iniciar a análise e mantê-la em segredo. Somente seu superior provincial e o reitor do colégio Cristo Rei estavam a par, além do procurador da província a quem depositou certa soma recebida para iniciar a análise. Seus colegas padres e professores tinham hostil atitude quando liam sobre análise, psicoterapia e psicanálise, suponha que nada tenham sabido de seu processo. Se deslocava da cidade de São Leopoldo à Porto Alegre três vezes na semana, preparava protocolos, para registrar assuntos da sessão e desenhos, e estudava Psiquiatria, Análise, Psicologia, Personalidade e mantinha inalterado seu ritmo de trabalho e suas aulas no Colégio Cristo Rei, onde pela via da docência obteve o registro de psicólogo pelo Ministério da Educação e Cultura.

Nos escritos de Géza sobre seu processo de análise é notório um ideal sublimatório, em especial das tendências que chama de libidinosas. Refere que sua experiência “positiva” difere das aversões, medos e receios que muitas pessoas tinham da análise. Géza defende a hipótese de que a análise tornaria a vocação sacerdotal mais autêntica, ou seja, confirmaria e não necessitaria de receios por parte dos superiores.

Géza inicia um trabalho de terapia grupal no Colégio Cristo Rei, reconhece que esse trabalho causou muitas dúvidas e discussões, despertando suspeitas acentuadas. Ressalta que o processo terapêutico tinha um efeito sobre os sacerdotes, rompendo a relação infantil, imatura, dependente, tímida e medrosa com os superiores, obedecendo a autoridade dentro dos limites de poder do titular, conforme Géza Kövecses (1967), na *Décima Segunda Comunicação*:

Súditos antes tão mansos, tão cordatos, tão receptivos, de repente começam a opor objeções, manifestam dificuldades – isto é, o que antes conservavam encerrado em si mesmos, conseguem agora exteriorizar.

Esse fato, às vezes, irrita mesmo os educadores – professores – por exemplo; desperta neles agressividade contra os alunos; piora a situação, caso os alunos em terapia conservem a calma, ficando quietos, mantendo-se

objetivos: o educador pode até sentir-se perdido na luta; sua agressividade não surtiu efeito; sente-se quicá, humilhado. Recrudesce, então, mais ampla a agressividade, não mais restrita a tal pessoa, mas eventualmente, contra toda a terapia, como se estragasse a autoridade do educador. (p. 62).

Para Géza as inquietações dos seminaristas proporcionavam uma oportunidade autêntica de diálogo, com base na realidade e não no mundo irreal pregado pelos professores. Segue pontuando que o medo maior de seus superiores era de que a terapia grupal e a análise mudassem as estruturas do seminário, o que, de fato, concordava, porém, sem medo das mudanças. Apontando que metade dos seminaristas do Colégio estavam nesse processo, em contínua reflexão sobre si e sua relação com os outros, e que isso influenciava os colegas que não se analisavam.

Géza aproximou-se do Padre Malomar Edelweiss, que em 1956 era diretor da Faculdade de Filosofia de Pelotas onde criou anexo do Instituto de Psicologia quando retornou de Viena após sua análise com Igor Caruso. A convite de Malomar, Caruso vem ao Brasil para uma sequência de conferências. Amoretti (1992) em transcrição de entrevista com Malomar, realizada em 1990: “(Caruso) apresentou-nos uma nova orientação, de certo modo existencialista, mas, num certo sentido, cristã, humanista”, Amoretti (1992, p. 114) completa “pastoral, religiosa, católica”.

Géza fará parte desse movimento reconhecido como Escola Carusiana de Psicanálise), que realizou em 1966, em Innsbruck (Áustria) a fundação da Federação Internacional de Círculos de Psicologia Profunda. Spohr (2011) afirma que em 1966 padre Géza teria sido liberado para participar de um Congresso de Psicanálise na Áustria. Sua ligação com os carusianos e sua assinatura na ata de fundação do Círculo Brasileiro em 1956, como descrito por Malmann (2014), sugerem que Géza esteve entre os presentes desse que seria o maior evento da Escola Carusiana. (Amoretti, 1992).

Ao historiografar o pensamento Carusiano, Amoretti (1992) relata que o Círculo Vienense de Psicologia Profunda era um centro de estudos onde psicanálise, ecumenismo, etologia, antropologia, psicologia analítica e existencial eram abordados de maneira ampla e sistemática atraindo adeptos e incluindo novos estudos como os pensadores da escola de Frankfurt e textos de Marx. É, então, em 1966, ao fundar a Federação Internacional de Círculos de Psicologia Profunda, que Caruso propõe a existência de um “mínimo divisor comum” entre os envolvidos:

técnica psicanalítica clássica (freudiana) e abertura a todas as questões sociais. Considerando seu giro de pensamento sobre a transcendência horizontal e histórica: “é na história que os homens concretos, com esperança e através da práxis, terão de conquistar sua libertação e dar sentido às suas vidas”. (Amoretti, 1992, p. 120).

É verdade que mais tarde, em 1971, após a morte de Géza, Caruso virá a se confrontar com o destaque e a projeção como um líder de um movimento de matiz religiosa, escreve em 1971, para a Revista Estudos de Psicanálise um artigo chamado “Prolegômenos ao Diálogo entre Psicanálise e a Religião. O texto é referido pelo autor como uma autocrítica de quem buscava na psicanálise elementos que ela não poderia fornecer, uma “*anima naturaliter christiana*” (alma naturalmente cristã), como uma prova para os princípios fideístas. Os carusianos sentiriam o impacto dessa contradição e abandonariam o estudo de Caruso dentro do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

Essa contradição está colocada durante toda a duração do Curso *Christus Sacerdos* e nos efeitos descritos sobre os participantes. Géza não viveu tal contradição e nem colheu os efeitos de sua proposição, deixando uma obra inacabada que idealizava um padre santo como Cristo, inspiração para o nome *Christus Sacerdos*. Caberia ao Padre Oscar Mueller a direção do Curso e ao Padre Frederico Lauffer a continuidade no secretariado de 1967 à 1970.

5 *CHRISTUS SACERDOS* (1966-1970)

O Curso *Christus Sacerdos* iniciou em 1966 destinado a formação de educadores de seminários e realizado, conforme documentos (ANEXO C), sob os auspícios da Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB) na Faculdade Teológica do Colégio Máximo Cristo Rei em São Leopoldo, RS.

Foi um curso de pós graduação que, no início, teve duração de 4 meses, de terça a sexta feira, dividido em três turnos: manhã e tarde destinados aos assuntos de reflexão teológica e sociocultural e o programa noturno reservado à Psicologia, duas aulas de exposição e reflexão e uma hora de terapia e dinâmica de grupo, com assistência de dois analistas. Posteriormente, o tempo do curso foi estendido para 8 meses.

De 1966 até 1970 o curso contou com a participação de 87 religiosos, sendo que no ano de 1970 admitiu-se a entrada de 8 irmãs, freiras sem ordem religiosa especificada nos documentos. Há testemunhos orais e apenas uma ficha no acervo do Padre Géza sobre a existência de um Curso chamado *Ancilla Domini*, A Serva do Senhor (tradução nossa), para Freiras, que acontecia em paralelo com o *Christus Sacerdos*.

O programa do Curso era composto por uma parte teológica, contando com as disciplinas: Teologia da Igreja e Teologia do Sacerdócio à luz do Vaticano II, Teologia da Fé (Aspectos Psicossociológicos, Psicológicos, Teológicos), Renovação da Teologia Moral (Problemas Atuais) e Teologia Espiritual e Liturgia. A segunda parte descrita como Sócio Cultural com disciplinas sobre a Mentalidade Contemporânea e Análise da Situação Brasileira e a terceira Parte Psicológica e Prática com disciplinas de Psicologia da Personalidade e Evolutiva, Desenvolvimento da Psiquiatria, Psicopatologia das Neuroses e Perversões, Psicodinâmica de Grupo e Aconselhamento Pastoral.

Entre os professores:

A. PARTE TEOLÓGICA

1. *Dom Aloysio Lorscheider OFM, Bispo de Santo Ângelo, RS*
2. *Dom José Ivo Lorscheiter, Bispo Auxiliar de Porto Alegre, RS*
3. *Pe. Geza Kövecses S. J., São Leopoldo, RS*
4. *Frei Lucas Moreira Neves OP, Rio de Janeiro, GB*
5. *Pe. Antônio Benkő S. J., Rio de Janeiro, GB*
6. *Pe. Leopoldo Adami S. J., São Leopoldo, RS*
7. *Pe. Raimundo Caramuru, Rio de Janeiro, GB*
8. *Pe. Hugo Assmann, Porto Alegre, RS*
9. *Frei Romeu Dale OP, Rio de Janeiro, GB*
10. *Pe. Odilon Jaeger SJ, São Leopoldo, RS*
11. *Pe. Beno Dischinger SJ, São Leopoldo, RS*
12. *Pe. Isidro Sallet SJ, São Leopoldo, RS*
13. *Pe. Frederico Laufer SJ, São Leopoldo, RS*

B. PARTE SÓCIO-CULTURAL

14. *Frei Antônio do Carmo, OCarm, Porto Alegre, RS*
15. *Pe. Afonso Gregory, CERIS, Rio de Janeiro, GB*
16. *Pe. Domingos Donida SJ, CERIS, Rio de Janeiro, GB*

C. PARTE PSICOLÓGICA E PRÁTICA

17. *Dr. Siegfried Kronfeld, Porto Alegre, RS*
18. *Sra. Gerda Kronfeld, Porto Alegre, RS*
19. *Dr. Alberto Corrêa Ribeiro, Porto Alegre, RS*
20. *Dr. Paulo Brandão, Porto Alegre, RS*
21. *Pe. Marcus Bach SJ, São Leopoldo, RS*
22. *Pe. Aloysio Koehler SJ, São Leopoldo, RS*

Cabe ressaltar que nessa lista não está o nome de Ary Wolfenbüttel, ativamente presente no curso desde o início de sua documentação em crônicas (na segunda edição, em 1967). Outros nomes surgiram como convidados ou analistas em outras edições do Curso: como Fernando Calsavara, Ana Callegari e Maria

Fernández em 1970. Durante os relatos encontramos os termos, psicoterapia, terapia, psicoterapia psicanalítica. Nossa hipótese é de que esses outros nomes não afrontavam demasiadamente e diretamente a hegemonia da IPA e eram melhor acolhidos dentro da Igreja.

Essa pesquisa obteve acesso aos Diários do Curso *Christus Sacerdos* de 1967, 1968, 1969 e parcialmente ao de 1970. Nos arquivos disponibilizados não encontramos registros de 1966. Essas notas diárias eram escritas por um cronista, participante do curso e designado para tal função e somente no registro do Curso de 1967 é possível identificar o nome do cronista, trata-se de Natal Facchini, os demais diários não foram assinados.

Desses diários a pesquisa recolheu testemunhos em primeira pessoa do que se passava durante o Curso, essas passagens serão chamadas de notas, transcritas em itálico e datadas (sempre que for legível no material recolhido). Essas notas são complementadas por outros materiais históricos recolhidos no acervo e nas comunicações de Géza, além dos testemunhos orais recolhidos em entrevista. Nessa pesquisa estão divididas em três notas: Impressões dos Padres acerca do Processo Analítico, A participação de Michel de Certeau no *Christus Sacerdos* e A edição do Curso de 1969 e as intervenções da ditadura militar brasileira: asilo e fuga de Frei Betto e prisão de Cursistas.

5.1 Impressões dos Padres acerca do Processo Analítico

DIÁRIO DO CURSO – 01/03/1967

Às 19:30 com a presença do Exmo Arcebispo de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer foi inaugurado o Curso Christus Sacerdos primeiro em uma santa missa celebrada pelo próprio arcebispo, ajudado pelo Pe Géza e Pe Laufer. Dom Vicente, após o evangelho, empresta todo apoio à essa iniciativa providencial e agradece aos organizadores do curso. Sem dúvida, único no gênero pela parte prática – psicanálise e psicoterapia grupal. Este curso está destinado a marcar uma nova etapa na história dos Seminários do Brasil e do mundo. É ainda a Companhia de Jesus quem assume o novo risco de um sucesso, presente e futuramente certo.

Após a Santa Missa houve um jantar. Participantes: O Senhor Arcebispo, Pe Géza, Pe Laufer, Pe Leopoldo Adami e outros padres da casa. Os psiquiatras e

psicanalistas: Dr Siegfried Kronfeld, Sra. Gerda Kronfeld, Dr. Paulo Brandão, Dr. Alberto Corrêa Ribeiro, Pe. Aloysio Koehler e Ary Wolfenbüttel. Falou o Pe Géza explicando o curso e, em seguida, o Pe Laufer fez a apresentação pública de cada psicanalista (...) encerrando, brindou-se com uma taça de licor ao conhecimento, à amizade e à fraternidade dos presentes.

Os cursistas já estavam de olho sobre os psiquiatras, procurando a simpatia e a preferência. O Con. Mauro caiu na graça e simpatia da turma e dos próprios psicanalistas.

*Impressão da turma: Estamos em nossa casa. Os supervisores são nossos irmãos.
"Quam bonum est et quam jucundum, habitare fratres in unum"*

DIÁRIO DO CURSO – 03/03/1967

Psicoterapia grupal.

Coisa mais medonha e dura! Que confessionário! Expectativa geral. Uns fumam nos corredores. Outros receiam não sei o que. Uns afirmam que não tem problemas. Outros têm de sobra. Há movimento singular pelas salas, quartos e corredor. Os grupos estão formados. São três:

I – Grupo com o Dr Kronfeld e Observador Pe Géza

II – Grupo com o Dr Alberto Ribeiro e Observador Pe Koehler

III – Grupo com o Dr Paulo Brandão e Observadora Dona Gerda

Quem se submeteu a psicoterapia grupal descobre o que: é evangélica. Não julga, não condena, liberta, verdadeiro compromisso com a verdade, humildade e caridade. Como a gente fala: coisa medonha, coisa bacana.

...

A Psicoterapia Grupal acontece duas vezes por semana. A Individual às segundas nos consultórios particulares de cada psiquiatra.

Mais uma observação: aos sábados, domingos e segundas, não há compromisso com os estudos. Os cursistas refletem, estudam, pintam e passeiam.

A propósito de pintura: esta é uma suave imposição dos psiquiatras ao grupo. Qualquer desenho, a gosto. Com quaisquer cores. Por quê? Segredo de Profissão. As cores são símbolos.

E há convite para contar os sonhos. E os sonhos são símbolos. Quem entra no curso sai tosquiado! Mas fiquemos quietos! Vendo isso nós queremos.

DURANTE O CURSO DE 1968 – DESENHO SOLTO NO LIVRO, ESTILO CHARGE (ANEXO D)

Descrição: A primeira parte do desenho é chegada de um homem à uma porta onde está a seguinte inscrição: Doutor Pateta Psicanalista. O homem chega cabisbaixo carregando uma bola presa em seu pé por uma corrente, lembrando a imagem de um prisioneiro, identificamos na bola a inscrição “COMPLEXO”.

Na segunda imagem, representando a saída do homem do consultório, observamos a figura do psicanalista à porta, levantando a mão em tom de despedida e o homem de saída com semblante feliz, carregando ainda preso a sua mão, um balão com a mesma inscrição: “COMPLEXO”.

No canto inferior esquerdo um cifrão encerra a imagem.

DIÁRIO DO CURSO - 01/11/69

Terapia Grupal com o Dr Ary. Deixou a residência na rua Conceição com a Independência, fixando-se na Lindolfo Collor, 322. Vários analisandos, não sei porquê motivo, se consideram "sócios" da nova mansão. Outros ofereceram-se para serem os "padrinhos" da residência. Um analisando prontificou-se em "benzer" o novo prédio. O Renato, em conversa de esquina, jurou presentear o Dr. Ary com uma imagem de Cristo Rei, contendo o letreiro: "Essa casa foi milagre dos moradores do Cristo Rei".

Durante a pesquisa no acervo histórico encontra-se materiais, em especial nas pastas pessoais de Géza, que são paralelos historicamente aos escritos. É possível identificar que Géza tinha, como princípio de trabalho, o controle do andamento do Curso, nota-se sua participação nos grupos na posição descrita como Observador e suas reuniões com os analistas. As reuniões foram mantidas pelo Pe. Oscar Mueller mas seu método de controle partia da escrita e dos relatórios que solicitava aos participantes do curso.

É em tom defensivo e de extremo controle que os padres coordenadores conseguiram autorização dos superiores para manter o curso durante as suas quatro edições. Os participantes, todos com formações universitárias, inclusive fora do país, faziam reflexões positivas sobre o Curso. O momento de abertura após o Concílio do

Vaticano e o ambiente de fraternidade produzido pelo encontro entre sacerdotes de todo o país favorecia a experiência.

A experiência de encontro, relatada no testemunho do cronista, entre os participantes e analistas eram um fator diferencial no curso. É notório durante as entrevistas que se produza discursos sobre os efeitos da experiência da análise na vida dos participantes.

Amparando-se em visões progressistas e em seu estreito vínculo com os psicanalistas do Círculo Psicanalítico, sem nunca nomear-se psicanalista e não pretender a formação de analistas mas a formação de educadores de seminário, Géza possibilitou a experiência da análise fora do legitimismo da IPA para 87 religiosos, sendo 79 padres e 8 freiras de diversas ordens e congregações. Em 1967, pouco antes da morte de Géza, o curso contou com a participação de Michel de Certeau, padre jesuíta no *Christus Sacerdos*.

5.2 A participação de Michel de Certeau no *Christus Sacerdos*

A violência do corpo não alcança a página escrita senão através da ausência, pela intermediação dos documentos que o historiador pode ver na praia de onde se retirou a presença que ali os havia deixado, e pelo murmúrio que deixa perceber, longinquamente, a imensidão desconhecida que seduz e ameaça o saber. (Certeau, 2017 [1975], p. 16).

DIÁRIO DO CURSO 02/04/1967

O quadro mural noticia-nos a vinda do Pe Certeau SJ para uma semana de aulas.

DIÁRIO DO CURSO 03/04/1967

À noite, 19:30, o Pe Certeau está conosco num francês lascado. O problema que ele trata é sério. O clero e os cristãos. Somos bilíngues?

A Igreja fala e gesticula com palavras e gestos desconhecidos pela sociedade em geral.

Isso é o aperitivo de hoje. O que será, amanhã?

DIÁRIO DO CURSO 04/04/1967

Aula das 8:30 até meio dia e em francês. À tarde das 16 até às 18:30. Em seguida, das 19:30 até 20:15. Depois disso uma turma tem terapia grupal. A cobra está fumando, de verdade.

DIÁRIO DO CURSO 05/04/1967

Aula e mais aula: a nossa cabeça está cheia de: sociedade, estrutura, organização, movimento diacrônico, sincrônico, igreja na sociedade, reinterpretação, rupturas e etc. O professor expôs-nos a doutrina de Levi-Strauss e Foucault.

DIÁRIO DO CURSO 07/04/1967

Tivemos aula com o Pe Certeau até 10:30, quando encerrou o ciclo de conferências. Qual a nossa impressão? Ótima! Descobriu-se novos horizontes, um prisma antes desconhecido para julgarmos com equilíbrio: a sociedade, a Igreja e o subsolo das mesmas. Muitíssimo obrigado, Pe Certeau. Somos-lhe profundamente gratos.

DIÁRIOS DOS ÚLTIMOS DIAS – GÉZA - 07/04/1967

O Padre Certeau e Mendes de Almeida me visitaram de tarde. O Padre Certeau veio do aeroporto imediatamente para cá. Estava muito contente com o curso que acabou de dar hoje em São Leopoldo. Louvou muito a abertura dos teólogos e seu progresso sadio.

A passagem de Michel de Certeau pelo *Christus Sacerdos* apareceu inicialmente em entrevistas. Durante a coleta do material histórico apareceram outros elementos sobre os seminários ministradas pelo jesuíta. Seu nome não foi encontrado no registro oficial de visitas, mas suas aulas estão descritas no registro de uso das salas (ANEXO E). Nota-se no Registro Aulas sobre Levi Strauss e Michel Foucault. O material se complementa com a escrita de Géza, em *Comunicações*:

Nesse ano, passou pelo Cristo Rei um sacerdote francês, o Padre Michel de Certeau, S.J., que trabalha em Paris na sua especialidade: formação do clero. Conversou com diversos teólogos e, observando a mentalidade reinante, mostrou-se surpreendido, otimamente impressionado – fazendo constar isso de relatório – pelo ambiente em franco processo de maturação. Segundo esse

especialista, a abertura de horizontes e a objetividade são maiores que nos próprios escolasticados franceses. Nota-se que, reconhecidamente, um dos mais abertos da Europa é o de Fourvier, em Lyon. (Kövecses, 1967, p. 63).

Michel Jean Emmanuel de la Barge de Certeau, nascido em maio de 1925 e ordenado sacerdote, passa a integrar, em 1956 a equipe da revista *Christus*. Certeau dedicado ao trabalho de erudição, no cruzamento entre a atividade do arquivo e da investigação histórica, inicia suas reflexões sobre a operação historiográfica.

Luce Giard (2011) destaca a maneira com a qual Certeau atravessava os campos do saber sem esperar aceite dos “guardiões de determinado feudo” (p. 7). Sua ocupação era descobrir o melhor percurso de investigação. Em 1964 esteve ao lado de Lacan na fundação da Escola Freudiana de Paris e entre 1966 e 1967 esteve em suas duas primeiras viagens para a América Latina, esteve no Brasil nas duas oportunidades. (Vidal, 2005).

Em 1969, dois anos após suas aulas no *Christus Sacerdos*, Michel de Certeau se vincula ao Departamento de Psicanálise na Universidade de Paris VIII, fundado por Serge Leclair. Roudinesco, aluna de seus seminários, descreve Certeau como um “teórico e historiador rigoroso, aberto às interrogações e encorajando-a a trabalhar as questões históricas do freudismo”. (Roudinesco, 1995, p. 45).

As viagens realizadas pelo historiador representavam momentos de importante experiência e questionamento das grades teóricas e do funcionamento institucional da Igreja. No ano seguinte aos seminários no *Christus Sacerdos*, em 1968, sensível à situação política e social brasileira, em plena ditadura militar, solicita que seja enviado ao Brasil e tem seu pedido negado. (Vidal, 2005).

A participação de Michel de Certeau, apenas 3 anos após a fundação da Escola Freudiana de Paris ao lado de Jacques Lacan, que na lição de 15 de janeiro de 1964, compara sua saída da IPA à um processo de excomunhão e questionando os ecos de prática religiosa. Suas aulas no *Christus Sacerdos* foram realizadas entre os dias 3 e 7 de abril de 1967. (ANEXO E).

Vidal (2005) aponta as aproximações de Certeau com Dom Hélder Câmara e Jacques Labergue nas várias visitas ao Brasil. Laberge, jesuíta canadense, apontado nas entrevistas como precursor do movimento lacaniano, junto à Ivan

Correa, no Brasil. Jacques Laberge, Ivan Correa estiveram Louis com Beinaert na Associação Médico Psicológica de Ajuda aos Religiosos (A.M.A.R), em Paris.

Michel de Certeau que em 1969 denunciou a tortura e a perseguição a estudantes e professores universitários considerados subversivos pelo governo militar brasileiro e a invasão das universidades por policiais num artigo publicado na revista *Politique aujourd'hui*. O escrito lhe rendeu uma proibição de entrar no Brasil, contornado por um novo passaporte usando o sobrenome La Barge.

5.3 A edição do Curso de 1969 e as intervenções da ditadura militar brasileira: asilo e fuga de Frei Betto e prisão de cursistas

DIÁRIO DO CURSO – 09/11/1969

Terapia grupal com o Dr Ary. A imprensa divulga que no colégio Cristo Rei, em São Leopoldo, fora encontrado material subversivo. Frei Betto, dominicano, foi preso juntamente com outros colegas. Vários moradores do Cristo Rei foram chamados para interrogatórios, sendo-lhes permitido voltar ao lar. A notícia foi mais terrorista do que o material apreendido.

DIÁRIO DO CURSO - 27/11/1969

À tarde, alguém não ficou satisfeito com a notícia de que os colegas foram transportados para São Paulo, foi até o DOPS e que alegria... Hermano continua aqui! Vamos falar com ele. Minutos depois estava aí, era ele, Hermano... está mais gordo, lê bastante mas gostaria de sair...

Pela tardinha soube-se o que havia acontecido com o discurso do cardeal: não pôde publicá-lo pois continha uma frase ou várias que não soavam bem... “as ideias devem ser combatidas com outras e não com armas” foi o que ouvi num grupinho. Será essa frase? Não sei. Fica registrado nessa crônica como todo o resto. Mais tarde poderá ser esclarecida.

Frei Betto, importante liderança religiosa e política, marcou sua passagem pelo Colégio Cristo Rei no ano de 1969, segundo ele, “raiz teológica da Igreja gaúcha” (1987, p. 55). Conta que cerca de 500 pessoas habitavam o seminário

quando chegou em São Leopoldo, vivendo em regime de internato com saídas autorizadas aos domingos. Se sentia um estranho no ninho, mas não era o único:

Meu primo, João Batista Libânio, era quem me orientava dentro daquele universo jesuíta, tão diferente da vida dominicana. Ele informara à comunidade que eu era visado pela polícia e um dos meus colegas, Camilo, consentiu em que a correspondência a mim dirigida chegasse em seu nome. Funcionava em São Leopoldo o curso 'Christus Sacerdos', para formadores de seminaristas. Entre os alunos estava Monsenhor Marcelo Carvalheira, reitor do Seminário Maior do Nordeste, no Recife, assessor de Dom Hélder Câmara. (Betto, 1987, p. 52).

É na portaria do Cristo Rei ou nas idas à Porto Alegre que Betto auxiliava refugiados políticos a atravessarem a fronteira do estado com o Uruguai até novembro de 1969, quando soube da prisão de um padre que recebia correspondências em seu nome. Naquele momento Frei Betto fura o cerco da repressão que se arma em São Leopoldo e inicia sua fuga. Padre Marcelo, cursista do *Christus Sacerdos*, hospedado junto a outro padre em Porto Alegre, acolhe Frei Betto.

Poucos dias até que o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) chegasse a Betto e o conduzisse à tortura. Encontraremos três nomes de cursistas matriculados no *Christus Sacerdos* e vinculados à prisão de Betto pelo DOPS: Hermano Cuerten, Marcelo Carvalheira e Sjeng Verdonschot.

Marcelo Carvalheira era figura próxima de Dom Helder Camara, considerado "o bispo vermelho", "comunista de batina", "santo rebelde", Camara foi uma importante figura da Igreja Católica, mantendo-se na atuação pública em defesa dos direitos fundamentais da pessoa humana, então, perseguido pelos militares e sob censura da imprensa. (Freire, 2020). O DOPS buscava uma peça concreta capaz de comprovar o eixo: Dom Hélder – Monsenhor Marcelo – Frei Betto – Marighella. Esse último morto naquela semana. O Governo do Rio Grande do Sul queria oferecer aos militares de Brasília uma prova das supostas ligações entre "o Arcebispo vermelho do Nordeste e o chefe do terror no Brasil". (Betto, 1987, p. 97).

Padre Marcelo passou 51 dias no cárcere e foi absolvido em 1971 por absoluta falta de provas em sentença unânime. Frei Betto relata que os demais empenhados em sua soltura recorriam à Dom Vicente Scherer, que inclusive chegou a visitá-lo. Em relação de cumplicidade com a Ditadura Militar Brasileira, Scherer

entrega Betto aos militares para que os interesses de sua Santa Igreja não sofressem arranhões:

Em 18 de novembro, o Cardeal Vicente Scherer, em seu programa radiofônico semanal *A Voz do Pastor*, após declarar que 'o abundante noticiário divulgado pela imprensa poderia sugerir a ideia errônea de que os sacerdotes e religiosos implicados nos acontecimentos são réus comprovados', acrescenta que 'quem participa de um esquema comum com terroristas, que assassinaram inocentes a sangue frio, assaltam e roubam, torna-se conivente com tais crimes e participa de sua responsabilidade'. E entrega-me à forca. (Betto, 1987, p. 116).

Libertando os demais padres por intercessão do Cardeal e mantidos os dominicanos presos e torturados. Havia nos diários a aposta dos cursistas de que a prisão de Betto também seria intercedida por Scherer, nas crônicas a figura de alguém, não descrito, que fica insatisfeito com a condução do Frei à São Paulo, e que, esperam esclarecimentos sobre o discurso do cardeal precedem as últimas semanas do Curso *Christus Sacerdos* de 1969.

6. IGREJA CATÓLICA E PSICANÁLISE: EFEITOS DO *CHRISTUS SACERDOS* NO MOVIMENTO PSICANALÍTICO DO RIO GRANDE DO SUL

Em si, a psicanálise não é nem religiosa nem irreligiosa. É um instrumento imparcial, o qual pode ser usado por religiosos e leigos, desde que seja unicamente a serviço da libertação dos sofredores. (Freud a Pfister, em 9.2.1909).

Decerto não estou aqui para me queixar de que os eclesiásticos estão mandando suas ovelhas para a psicanálise. Fazem, no caso, muito bem. O que me choca um pouco é que o façam, parece-me, com a ênfase de que se trata de doentes, que poderão sem dúvida encontrar algum bem mesmo numa fonte, digamos, má. (Lacan, 2005 [1960], p. 26).

DIÁRIO DO CURSO - 27/11/1969

Cada participante, das mãos do Diretor Pe Oscar recebeu os Certificados conferidos pelo Christus Sacerdos. Foi uma alegria. Ouvia-se “Isso vai valer pontos para o futuro”. Junto com a alegria estava espiando a tristeza; espichou-se o pescocinho e fêz-se notar na seguinte forma: os nomes. Alguns, no início do ano, deram o nome religioso e os documentos vieram com ele. “Como provarei que sou eu?” Bela exclamação! E aqui fica uma sugestão: usar o nome civil, seu outro título”, é o primeiro passo para dessocialização (SIC) que tanto se prega... O secretário tentava se desculpar dizendo “o senhor se matriculou com esse nome, não é verdade?”. “Sim, mas”... e o “mas” acabou exigindo novos certificados contendo o nome de civil, esquecido por muitos, renegado por outros mas necessário para todos. É bom acabar com essa maneira de designar as pessoas!

Mas, tendo anotado o nome dos que precisavam recomeçar os papéis o grupo partiu com um “até amanhã à noite!”

Géza Kövecses (1967) sintetiza três pontos de acusação levadas aos superiores: a psicoterapia como um fator de diminuição na capacidade de trabalho, naturalização da atitude no plano espiritual e um efeito antissocial e agressivo nos seminaristas. Em defesa de seu trabalho, Géza relembra que terapia no seminário serve como preparação para as experiências do seminarista, abrindo horizontes mais objetivos. Reitera: “seminário não é sanatório”. (Kövecses, 1967, p. 66).

Em documento manuscrito sob o título *Christus Sacerdos – encontro do ano de 1968*, de 22-26 de julho de 1969, de autoria de Oscar Mueller, as seguintes inscrições: “desejo de vários de continuar a terapia, dificuldade de entrosar na vida sacerdotal tradicional, os 5 que visitaram (ilegível) Câmara, todos vão casar”, reflete: “houve bastante orientação para a vida religiosa durante o curso de 1968. Há dificuldade de aceitar as limitações de viver as formas de religião tradicionais” e transcreve as falas dos cursistas: “Não me realizei como homem, quando comecei a amar alguém podia amar como nunca antes. Não é humano aceitar as limitações e viver dentro delas na própria vida? O que é a fé? Não é Cristo o libertador?”. Mueller conclui que deve voltar a refletir com eles sobre a fé.

No relatório *Resultado de um questionário feito à padres que fizeram o curso Christus Sacerdos*, com data de 1970, foi realizada uma análise das respostas de um questionário, respondido por 67 participantes, informando que “8 desistiram do ministério sacerdotal pedindo laicização”. O relatório admite que o “problema” teria sido ocasionado pela aceitação de padres “com problemas pessoais”, sua saída então seria um “serviço a vida desses padres, à Igreja do Brasil e aos outros companheiros do curso”. Assinado por Oscar Mueller, Padre que assumiu o curso após a morte de Géza, que descreve sua admiração ao trabalho dos analistas da escola de Igor Caruso, o documento conclui:

O efeito do curso pode descrever-se assim: o homem é colocado diante de sua realidade para que a assuma e nela se comunique aos outros, na fé e no amor de Deus. O homem se torna sincero, compreensivo, livre diante de pressões e ameaças, capaz ao desejo de dialogar e colaborar com quem quer que seja, verdade. A atitude religiosa se torna realista, sincera, pessoal e aberta à comunidade. (Mueller, 1970 - arquivo físico institucional).

Anos após o término do Curso, Olga Farina, então estudante da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, relata em entrevista uma forte amizade com o Padre Oscar Mueller, que lhe incumbiu da tarefa de acompanhá-lo num estudo com os ex padres que pediram saída após o curso. Mueller mostrava incompreensão. O estudo nunca foi realizado.

Oscar Mueller apresenta o livro *Batalha Contra Deus* (1977) de Natal Facchini, publicado 10 anos após a participação no *Christus Sacerdos*. Natal se tornou um grande nome no movimento psicanalítico de Porto Alegre, fazendo parte do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul. Esse livro é uma obra testemunhal da saída de Facchini da Igreja, seus dilemas e suas contradições com a fé.

Na apresentação, Mueller escreve (1977, p. 9):

O Pe Rahner, numa célebre conferência sobre a 'A fé do padre' disse que a fé do padre também é a fé de uma pessoa humana, portanto sujeita as dificuldades e tentações pelas quais passamos todos. Que o padre não precisa esconder essas dificuldades como se ele não as tivesse.

No capítulo X, dedicado à Psicanálise, Facchini relata que está em tratamento com Dr. Alberto Ribeiro e que a psicanálise soa mal e fere o ouvido da Igreja e com razão porque o tratamento psicanalítico é destinado aos loucos, para o padre e a freira que não suportam mais o estado eclesiástico ou religioso de vida. "psicanálise é a porta de saída para quem não quer mais ficar". (Facchini, 1977, p. 9).

É a psicanálise que tira a noção de pecado e alimenta o princípio de prazer, desinteressada pela graça, e ainda que, desaconselhado por seus conhecidos e amigos, mas autorizado pelos seus superiores, Facchini (1977) relata seu reencontro com a psicanálise após esgotar seus meios de superar a crise:

Tive a impressão de um grande engano de vocação. Saboreei com amargura de uma fraude, de um contrabando, de uma traição. Fui realmente chamado para o sacerdócio? Assumi mais ou menos forçadamente o celibato para ser padre, ou percebendo-me feliz no celibato quis ser padre? ... Desde que alguém aceita a prisão, já está livre. Quando aceito a doença, já estou curado. Quando incorporo a morte a mim mesmo, já estou vivendo a vida eterna. Mas, até que me convença de que sou gente...o tormento continua. (p. 61).

O Padre Léo Seno Etges escreveu um *Memorandum* (ANEXO F) ao Padre Theobaldo Frantz, então membro do conselho técnico-administrativo, sobre a terceira provação do *Christus Sacerdos* em São Leopoldo, primeira edição a iniciar após a morte de Géza. Nesse documento, de janeiro de 1968, aborda a negativa do Padre Oscar Mueller de iniciar o Curso sem a psicoterapia. Etges se pergunta: "Vamos querer repetir Cuernavaca?". Explica que o mosteiro fechou após introduzir a psicoterapia. Segue: "No atual Curso *Christus Sacerdos*, dois dos componentes tem namorada com a qual vão à missa. Vão largar tudo".

Etges segue afirmando que Mueller não conheceu os problemas ocasionados pelo Curso, que os participantes teriam idade demais para "boa terapia" e salienta o aspecto pobreza:

Terapia custa os olhos da cara. Se fosse dar resultados certos, vá lá. Mas depois termos mais gente com mais problemas! O Pe Bohnen que acompanhou de perto o assunto da terapia no Cristo Rei dizia não se lembrar

de alguém que tivesse melhorado notavelmente, nem o próprio Géza!!! (ANEXO F).

Em 1962, o então padre Grégoire Lemerrier recebeu no Mosteiro Beneditino da Ressureição, próximo a Cuernavaca, sessenta monges para uma terapia grupal conduzida por dois psicanalistas da IPA (*International Psychoanalytical Association*). Após dois anos, Lemerrier e quarenta monges participantes pediram saída da igreja. Roudinesco e Plon (1998) apontam que a Psicanálise na experiência de Cuernavaca trouxe respostas ao celibato e à castidade dos padres.

Um dos questionamentos levantados nas entrevistas diz respeito ao conhecimento de Géza Kövecses da experiência psicanalítica no mosteiro beneditino mexicano. Nas *Comunicações*, Géza esclarece:

Reconheço, por conseguinte, perigo na psicoterapia grupal, como também na terapia ou análise individual. Lembro, a propósito, a experiência de análise grupal efetuada no Mosteiro Beneditino de Cuernavaca, no México. Dentro dos conhecimentos científicos atuais da humanidade, considero essa iniciativa, em si, boa, notável mesmo, porém fundamentalmente defeituosa. Consistiu a falha básica, em primeiro lugar, na circunstância dos analistas escolhidos não conhecerem a fundo a vida religiosa, embora tivessem vivido algum tempo entre os religiosos. Além disso, entraram em análise grupal a quase totalidade do Mosteiro. Em consequência, saturou-se de análise o ambiente de toda a comunidade. Se, como nesse caso, além da atmosfera analítica absorvente, os próprios analistas forem ortodoxos, poderão, inconscientemente, projetar na comunidade horizontes de Psicanálise ou Psicoterapia conforme à sua mundivisão, à sua Antropologia Freudiana ou de outra corrente. Essa visão, como novidade, impressiona, exalta os analisandos, os quais facilmente absolutizam os novos valores – que não passam de meramente relativos. Correspectivamente, passam a rejeitar muitas coisas, que talvez conviesse reter, conservar e transformar em nova síntese. (1967, pp. 66-67).

Sobre o Curso *Christus Sacerdos*:

Da experiência realizada em São Leopoldo, concluo que a análise grupal dentro do seminário, deve preencher determinadas condições fundamentais, indispensáveis, para ser bem conduzida e atingir, satisfatoriamente, os fins colimados. Em primeiro lugar, o analista, terapeuta, o coordenador esteja imbuído de Antropologia Cristã, ou pelo menos, de Antropologia Personalista, que aceite, sinceramente, de coração, os valores do cristianismo. Não significa que isso vá ele propor uma Antropologia (ilegível). Absolutamente! Deve restringir-se aos limites da análise, mas orientar sempre as interpretações conforme os horizontes da visão cristã, procurado como ideal a personalização, segundo uma Antropologia cristã, vívida e integral. (Kövecses, 1967, p. 67).

A aproximação do *Christus Sacerdos* como uma versão de Cuernava ou A Cuernavaca Brasileira gera discordâncias se colocarmos a perspectiva histórica do movimento do freudismo na situação gaúcha. O Mosteiro Beneditino é um espaço fechado, em clausura, e o processo foi conduzido por analistas vinculados à IPA. Lemercier redigiu um memorando em 1965 contando sobre a experiência de Cuernavaca, publicado no Brasil em 1977, intitulado *Psicanálise e Religião*.

Nesse texto, Lemercier afirma que resistiu à tentação de escolher psicanalistas católicos, ou seja, os reconhecia existentes. Seu projeto foi o de incluir na experiência dessas análises uma psicanálise que fosse “impiedosa” e que deixasse desvelada os enganos e mentiras do sentimento religioso. Para Lemercier (1977- escrito em 1966, p. 11): “A ascese dos padres no deserto é uma imensa psicanálise”.

Entende-se que, historicamente, o Curso *Christus Sacerdos* tem proposições e condicionantes das rupturas com a IPA, em especial, as empreendidas por Igor Caruso e que essa marca tem um efeito significativo no movimento psicanalítico do Rio Grande do Sul. Além do conhecimento de Géza sobre a experiência mexicana e sua preocupação de iniciar uma nova proposta que mostrasse aos superiores uma experiência com a psicanálise que fosse bem vista aos olhos da Igreja em relação à Cuernavaca.

O desejo de falar em nome próprio e de seguir a análise, negada pelos superiores após o curso é um marco fundamental dos efeitos do processo analítico e do ensino proporcionado pelo *Christus Sacerdos*. E em especial o efeito de desfazer o movimento separatista, conforme apontou Araújo (2012), que admitia o valor terapêutico da técnica analítica e rejeitava parte importante de sua teoria.

Roudinesco (1995) aponta que toda a implementação geográfica da psicanálise passa pelo reconhecimento consciente da existência do inconsciente, o paradoxo – como afirmou um dos entrevistados – da mesma maneira que a associação livre passa pelo princípio político da liberdade de associação, desse modo, as condições de existência da psicanálise respondem também a uma concepção de liberdade humana, ainda que esteja em completa contradição com a teoria freudiana do inconsciente.

É imprescindível, segue Roudinesco (1995), que o sujeito tenha liberdade de atravessar essa experiência, essa ferida narcísica e para isso é preciso que exista na sociedade em que ele fala um reconhecimento consciente do inconsciente.

Atravessamento da ferida narcísica, reconhecimento da teoria psicanalítica, rompimento com o separatismo promovido por alguns superiores religiosos e com a dimensão da promessa e da proteção da Igreja são alguns dos efeitos colhidos em testemunhos e documentos do *Christus Sacerdos*.

As aulas e as discussões que eram propostas no *Christus Sacerdos* que, embora visasse à formação do clero, proporcionavam um espaço de movimento do pensamento. Um lugar de troca como proporcionado pela presença de Certeau em seminários sobre Michel Foucault e Levi Strauss. O fato é que os efeitos colhidos por essa experiência permaneceram escondido nos arquivos provinciais por mais de 50 anos e a perda de memória, a clausura e a morte de muitos participantes tornaram os relatos escassos. Um trabalho de pesquisa de morte e contra a morte, como propôs Michel de Certeau (2017 [1975], p. 14).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não estou querendo dizer – mas isto não seria impossível – que a comunidade psicanalítica é uma Igreja. Contudo, incontestavelmente, surge a questão de saber o que nela pode mesmo fazer eco a uma prática religiosa. (Lacan, 2008 [1973], p. 12).

O contexto histórico e a situação política de um país, delimitaram as condições invariantes necessárias à implementação da psicanálise e do movimento psicanalítico. Roudinesco (1995) propõe duas invariantes: a primeira é a constituição de um saber psiquiátrico, ou seja, um olhar sobre a loucura capaz de conceituar a noção de doença mental e não mais a ideia de possessão de origem divina e a segunda é a existência de um Estado de direito, permitindo o reconhecimento da existência do inconsciente e a associação livre como técnica de tratamento que passa pelo princípio político da liberdade de associação.

Roudinesco (2019) marca que é na reforma do freudismo, proposta por Jacques Lacan, que se instaura na França e depois nos países latino-americanos uma verdadeira relação entre os jesuítas e o pensamento psicanalítico. Na aula pública de 9 de março de 1960 na Faculdade de Saint-Louis Lacan diz que um domínio, por ser da ordem da crença, não lhe parece suficiente para ser excluído do exame dos que se apegam ao saber, complementando “por sinal, para aqueles que creem, é de fato de um saber que se trata”. (Lacan, 2005 [1960], p. 24).

O movimento pendular entre Igreja e Psicanálise, conforme propõe Araújo (2012), de uma rejeição obstinada à acolhida acrítica, de uma condenação rigorosa à um ingênuo concordismo também é encontrada ao historiografar o Curso *Christus Sacerdos* e seus efeitos do Movimento Psicanalítico do Rio Grande do Sul.

A década seguinte ao curso demonstra significativas movimentações. Citamos, em 1972, os ex padres jesuítas Ivan Correa e Jacques Laberge, em Recife, recebem Fernando Calsavara, um dos analistas da última edição do Curso *Christus Sacerdos* e passam a dividir o consultório. Em 1975 juntos dos demais colegas fundam o Centro de Estudos Freudianos. (Pieiro, 2016).

Siegfried Kronfeld, Gerda Kronfeld, Paulo Brandão, Alberto Ribeiro, Ary Wolffenbuttel fazem parte da constituição, junto com Géza Kövecses e Malomar Edelweiss do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul, instituição que recebeu posteriormente Natal Facchini, cronista da segunda edição do *Christus Sacerdos*.

Ana Callegari fez parte da primeira diretoria da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

Entre os psicanalistas convidados por Géza, Aloysio Koehler e Ary Wolfenbüttel são apontados por Gageiro e Torossian (2014) como precursores do curso de Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em 1971.

Paralelo ao movimento dos argentinos e dos brasileiros que voltavam de suas formações em Buenos Aires essa pesquisa encontrou um caminho de ruptura com a IPA já acontecendo em solo brasileiro e tendo o Curso *Christus Sacerdos* como um dos condicionantes desse processo. Analisando e analisando que romperam com a relação pendular entre Igreja e Psicanálise, rejeitaram o dogmatismo da IPA e buscaram formar espaços coletivos para a expansão do freudismo na situação gaúcha.

REFERÊNCIAS

- Amoretti, R. (1992). Labirintos da identidade: fragmentos da história do CBP. *Estudos de Psicanálise*, 14, 113-123. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.
- André. (2012, setembro). O Vaticano II sob o olhar atento de Karl Rahner. *IHU On-Line*: Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, RS. <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/513957-o-vaticano-ii-sob-o-olhar-atento-de-karl-rahner%20>.
- Araújo, R. T. (2012). *Deus analisado: Os católicos e Freud*. [Tese de Doutorado em Teoria Psicanalítica]. Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Rio de Janeiro.
- Araújo, A. F. B. (2013). *Eduardo Galeano: devolver à história o alento, a liberdade e a palavra*. [Dissertação de Mestrado em História, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia]. Universidade Federal de Goiás, Goiânia. https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/ANDR%C3%89_FRANCISCO_BERENGER_DE_ARAUJO.pdf
- Berlinck, M. T. (1997). O que é Psicopatologia Fundamental. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 17(2), 13-20. <https://doi.org/10.1590/S1414-98931997000200003>.
- Betto, F. (1987). *Batismo de Sangue: Guerrilha e morte de Carlos Marighella*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

- Bohnen, A., & Ullmann, R. A. (1989). *A Atividade dos Jesuítas de São Leopoldo 1844-1989*. São Leopoldo: UNISINOS.
- Carrara, P. S., & Machado, J. R. F. (2017). Antropologia transcendental: uma leitura de Karl Rahner. *Interações*, 12(22), 369-392.
<https://www.redalyc.org/journal/3130/313054587010/html/>.
- Certeau, M. (2017). *A escrita da história* (3ª ed.). Trad. Maria de Lourdes Menezes; rev. téc. Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense. (Trabalho original publicado em 1975).
- Certeau, M. (2016). *História e Psicanálise: Entre ciência e ficção* (2ª ed.; 1 reimp.). Trad. Guilherme J. de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1987).
- Certeau, M. (1990). *A invenção do cotidiano: Artes de fazer* (3ª ed.). Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1980).
- Chaunu, P. et al. (1989). *Ensaio de ego-história*. Lisboa: Edições, v. 70.
- Cunha, J. L. (2018). A colônia de São Leopoldo: a primeira fase da colonização alemã no Rio Grande do Sul. *Revista Acadêmica Licencia&acturas*, 5(2), 37-43.
<http://www.ieduc.org.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/156>.
- Facchini, N. (1977). *Batalha contra Deus*. [s.l.]: Diagramação Antonio Herranz.
- Freire, E. A. (2020). *Dom Helder Camara: Igreja e imprensa durante a Ditadura Militar*. [Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação, Programa de

Pós-Graduação em Ciências da Comunicação], Universidade de São Paulo, São Paulo.

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-26022021-223644/publico/EmanueldeAndradeFreire.pdf>

Freud, S., & Pfister, O. (2009). *Cartas entre Freud & Pfister: Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã (1909 - 1939)*. Freud, E. L., & Meng, H. (Orgs.). Trad. Karin Hellen Klpler; Wondracek Ditmar Junge. Minas Gerais: Ultimato.

Freud, S. (2010). A transitoriedade. In S. Freud. *Obras completas*. (Trad. e notas Paulo César de Souza, v. 12, p. 248). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916).

Gageiro, A. M., & Torossian, S. D. (2014). A história da Psicanálise em Porto Alegre. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 3(4), 117-144. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v3n4/v3n4a07.pdf>.

Gageiro, A. M. (2001). *A história da Psicanálise em Porto Alegre*. Tese de Doutorado [inédita]. Paris: Paris 7.

Gageiro, A. M. (1997, outubro). A implantação do freudiano no Brasil. In *Correio da APPOA*, nº 51, Porto Alegre.

Galeano, E. (2017). *As veias abertas da América Latina* (12ª ed.). São Paulo: L&PM. (Trabalho original publicado em 1978).

Giard, L. (2011). Um caminho não traçado. In M. Certeau. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. p. 37.

Kövecses, G. (1967). *Comunicações*. Transcrição e Organização de João José de Oliveira Freitas. Porto Alegre, RS.

Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (2ª ed.). Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1973).

Lacan, J. (2005). “*O triunfo da religião*” precedido de “*Discurso aos católicos*”. Trad. Andre Teles. Rev. técnica Ram Mandil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960).

Leite, L. O. (2012). *Octogesima Adveniens, chegando aos oitenta...* [s.l.]: Entrementes.

Lemercier, G. (1977). *Psicanálise e religião*. Trad. Glória Villela e Luiza Barreto Leite. Rio de Janeiro: Brasília/Rio. (Trabalho escrito em 1966).

Mallmann, C. J. (2014). História e genealogia do CPRS e do CBP. *Estudos de Psicanálise*, 41, 75-86.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372014000100008.

Mombach, C. (2012, setembro). O governo Vargas e suas implicações na produção literária teuto-brasileira. *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo - Dossiê nº 10*. <http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie10/2012>.

Mueller, O. (1977). Apresentação. In N. Facchini. *Batalha contra Deus*. [s.l.]: Diagramação Antonio Herranz. pp. 9-10.

- Neruda, P. (1980). *Confesso que vivi* (6ª ed.). Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Difel. (Trabalho original publicado em 1974).
- Netto, V. M. (2013). A urbanidade como devir do urbano. *EURE*, 39(118), 233-263. https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?pid=S0250-71612013000300010&script=sci_arttext&tlng=e.
- Olé - Observatório da Laicidade na Educação. (2022). *Hungria*. Universidade Federal Fluminense. Consultado a 10 jan. 2022. <http://ole.uff.br/hungria/>.
- Pereira, A. O. (2019). *Nazismo, Igreja Católica e Pio XII: O silêncio papal conforme a obra "O Papa de Hitler" de Cornwell*. [Dissertação de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões, Programa de Pós-Graduação Religião e Esfera Pública]. Faculdade Unida de Vitória, ES. <http://bdtd.faculdadeunida.com.br:8080/jspui/bitstream/prefix/255/1/TCC%20-%20Andr%C3%A9%20de%20Oliveira%20Pereira.pdf>.
- Pieiro, J. (2016). *Ivan Corrêa: Senhor de lugares e palavras*. Recife: Cepe.
- Pimentel, L. (2013). O inventário como tática. *Revista Arte & ensaios*, 25, 110-119. http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2013/12/ae25_leandro.pdf.
- Pucci, B., Oliveira, C., & Betty, C. (2012). Hugo Assmann: da Teologia da Libertação à Educação para a Sensibilidade. *Comunicações*, 15(1-2), 11-38. <http://files.letraslusitanas.webnode.com/200000130-a4b8ea5b2b/artigo-hugo-assmann.pdf>.

- Roudinesco, E. (2019). *Dicionário amoroso da psicanálise*. São Paulo: Schwarcz-Companhia das Letras.
- Roudinesco, E. (1995). *Genealogias*. Rio de Janeiro: Relume.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Schossler, J. G. (2017). *A Clínica e a Cidade: Cartografando espaços de produção de cuidado a pessoas que usam drogas*. [Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia não publicado], Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- Spohr, I. (2011). *Memória de 665 jesuítas*. Porto Alegre: Livraria e Editora Padre Reus.
- Trevisol, V. (2014.). *O ser humano em Karl Rahner: Do transcendental ao pessoal*. [Dissertação de Mestrado em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC], Porto Alegre.
- Vidal, D. G. (2005). Michel de Certeau e a difícil arte de fazer história das práticas. In L. M. de Faria Filho (org.). *Pensadores sociais e história da educação*. Belo Horizonte: Autêntica. p. 257-284.

APÊNDICE A - LISTAS PARTICIPANTES DO CURSO

LISTA PARTICIPANTES DO CURSO – 1966 (1ª EDIÇÃO)

De 15 de março de 1966 – 30 de julho de 1966

Colégio Cristo Rei – SL RS

Reitor do Colégio: Pe. Leopoldo Adami, SJ

Organizador do Curso: Dom Ivo Lorscheiter

Coordenador Interno do Curso: Pe. Géza Kövecses SJ

Assistente Espiritual do Curso: Pe. Frederico Laufer, SJ

Frei Tomás Motta Navarro - Carmelita, Reitor do Teologado Carmelita em São Paulo

Pe. Jacintho Pasin - Missionário do Sallette, Diretor Espiritual e Professor do Seminário de Marcelino Ramos/RS

Pe. José Hamilton Almeida Barros, Arquidiocese de Salvador e Vice Reitor do Seminário de Salvador/BA

Pe. Argomiro Almeida Leite, Congregação da Missão, Diretor Espiritual do Seminário Maior de Mariana/MG

Pe. José Alberto Montenegro Castelo da Arquidiocese de Fortaleza, Vice Reitor do Seminário Maior de Fortaleza/CE

Irmão Pedro Alípio Heck, Marista Subdiretor do Escolasticado e Juvenato Maior Viamão/RS

Pe. Gregório de Nadal Arquidiocese de Porto Alegre, Diretor Espiritual e Professor no Seminário Menor de Gravataí/RS

Pe. Vitor Bertoli, Diocese de Joinville, Membro da Equipe Mundo Melhor de Belo Horizonte/MG

Frei Cândido de Veranópolis (Rovílio Costa), Capuchinho, Diretor Espiritual no Seminário Menor e do Noviciado em Vila Ipó, Vacaria/RS

Pe. Francisco da Silveira Pinto, Arquidiocese de Manaus, Diretor Espiritual do Seminário Menor de Manaus/AM

Cônego Joviniano Loiola Sampaio, Diocese de Sobral, Diretor Espiritual do Seminário Menor de Sobral/CE

Pe. Javier Mácuá Charlan, Arquidiocese de Ribeirão Preto, espanhol, Diretor Espiritual do Seminário Menor de Ribeirão Preto/SP

Frei Odorico de Paraisópolis (Antônio Rodrigues de Lima), capuchinho, Reitor do Seminário Menor de Iratí/PR

PARTICIPANTES DO CURSO – 1967 (2ª EDIÇÃO)

De 1 de março de 1967 – 30 de novembro de 1967

Colégio Cristo Rei – SL RS

Reitor do Colégio: Pe. Leopoldo Adami, SJ

Organizador do Curso: Dom Ivo Lorscheiter

Coordenador Interno do Curso: Pe. Géza Kövecses SJ

Assistente Espiritual do Curso: Pe. Frederico Laufer, SJ

Pe. Paulo Eduardo Ponte – Diretor Espiritual e Professor de Teologia no Seminário de Fortaleza/CE

Pe. Dionício Rockenbach, CSSR, destinado a formação de padres Lages/SC

Pe. José Perondi, CSJ, Vice-Diretor do Seminário Menor Josefino de Orleães/SC

Frei Maurílio Schelbauer, OFM, Lente de Filosofia e Mestre dos colégios em Curitiba/PR

Pe. Silvino Belingheri SJ, Vice Diretor do colégio Antonio Vieira Salvador/BA

Con. Mauro Vallini – Diretor Espiritual do Seminário Menor de Sorocaba/SP

Pe. Isidro Sallet SJ – Ministro dos Teólogos do Colégio Cristo Rei São Leopoldo/RS

Frei Ernesto de Brusque – OFM, Reitor do Seminário Menor, Almirante Tamandaré/PR

Pe. Francisco Sodré de Araújo – Reitor do Seminário Menor de Sobral/CE

Pe. Leonardo Martins CSSR Professor Seminário Menor Redentorista Belém/PA

Frei Mauro Martins Amatuzzi, OP, Professor de Filosofia e Mestre dos Estudantes Dominicanos/SP

Pe. Natal Facchini- Missionário da Consolata Superior dos Filósofos e Teólogos/SP

Pe. André Agazzi, Mestre dos Noviços dos Padres Sacramentistas Uberaba/MG

Pe. José Mário Stroehel Professor e Assistente no Seminário Menor em Gravataí/RS

Pe. Antônio Brogliatto, MSC, destinado a Formação de Religiosos/SP

Frei Antônio Gois Cajueiro OFM Diretor do Seminário Menor Nossa Senhora da Esperança, Poço de Caldas/MG

Pe. João Waldo SJ Vigário e Diretor Espiritual do Centro Social Presidente Kennedy Campinas/SP

Pe. Helder Furtado da Silva Encarregado da Regional Setor 1 Maranhão

LISTA PARTICIPANTES DO CURSO – 1968 (3ª EDIÇÃO)

Coordenador Interno do Curso: Pe. Oscar Mueller, SJ

Assistente Espiritual do Curso: Pe. Frederico Laufer, SJ

Pe. João Biondo, CSJ, Diretor do Seminário da Congregação em Caxias do Sul/RS

Frei Mauro Brancher, OFM, Professor e Orientador Espiritual do Seminário Franciscano de Taquari/RS

Pe. Osmar Ribeiro, diocesano, Diretor Espiritual do Seminário Diocesano de Amargosa/BA

Frei Walter de Flores da Cunha, OMCP, Mestre de Novíços em Flores da Cunha/RS

Frei Raimundo de Tapejara, OMCAP, Diretor Espiritual e Professor no Seminário de Veranópolis/RS

Pe. Luis Osvaldo Leite, SJ, Orientador Espiritual e Vocacional no Colégio Anchieta, Porto Alegre/RS

Pe. Geraldo José Paiva, MSC, Professor no IFT e no Seminário das Missões do Sagrado Coração/SP Capital

Pe. Otávio Candiani, carmelita, Orientador Espiritual do Seminário de sua Ordem Itu/SP

Pe. José Amaral de Almeida Prado, CSJ, Professor e Educador do Colégio de Santa Cruz/SP

Pe. Lauro Palú, CM, Professor e Orientador Espiritual no Seminário de Vicentina - Petrópolis, Belo Horizonte/MG

Frei Bernardo Klimsa, OFM, Mestre dos Estudantes Franciscanos de Olinda/PE

Frei Paulo Zoderer, OFM, Professor e Educador no Seminário de Santarém/PA

Pe. Antônio Juarez Moura Maia, diocesano, Reitor do Seminário da Arquidiocese de Manaus/AM

Pe. Gian Franco Vezzoli, pavonianos, Diretor Espiritual da Casa Apostólica em Elói Mendes/MG

Pe. Irineu Kowalski, diocesano, Pastoral Universitária Curitiba/PR

Pe. Jesus Martin, ssc, Orientador dos Religiosos no Seminário São Jose dos Pinhais, Curitiba/PR

Frei Francisco Cardoso de Almeida, capuchino, Educador no Seminário Menor em Fortaleza/CE

Pe. José Hugo Goulart, diocesano, Diretor Espiritual do Seminário Diocesano de Campanha/MG

Pe. Victor Nardeli, Missionário da Consolata, Orientador Espiritual dos Seminários de sua Congregação, Jaú/SP

Pe. Sebastião Pescatory, SJ, Reitor da Casa de Noviciado da Província Central da Companhia de Jesus, Itaici/SP

Pe. Virgínio De Carli, CSSR, destinado a Formação Espiritual nos Seminários Redentoristas em Porto Alegre/RS

Pe Benedito Chaves Lima, diocesano, Professor no Seminário e Diretor Espiritual em São Luís Maranhão

LISTA PARTICIPANTES DO CURSO – 1969 (4ª EDIÇÃO)

De 1 de março de 1969 – 30 de novembro de 1969

Colégio Cristo Rei – SL RS

Reitor do Colégio: Pe. Leopoldo Adami, SJ

Organizador do Curso: Dom Ivo Lorscheiter

Coordenador Interno do Curso: Pe. Oscar Mueller, SJ

Assistente Espiritual do Curso: Pe. Frederico Laufer, SJ

Pe. Dario Paterno, consolata, Reitor do Seminário de Santa Terezinha São Manoel/SP

Pe. Arlindo Giacomelli, consolata, Seminário Menor de Ibicará/SC

Pe. Carlos Somers, cssr, Orientador de Comunidade Vocacional Natal/RN

Pe. Roque Schoffen, diocesano, Reitor do Seminário Menor de Londrina/PR

Pe. Xavier O'Brien, cssr, Seminário CSSR, Belém/Pará

Pe. Silvino Werlang, MSF, Reitor do Seminário Menor de Santo Ângelo/RS

Frei Hermano Guerten OFM, Mestre de Noviços e Clérigos, Aracajú/SE

Frei Rogério D'Elboux OCarm, Pastoral da Juventude, vocacional São Paulo/SP

Pe. Antônio Duranis, Miss. Conboniano, Instituto Comb S. Jud. Tadeu, São José do Rio Preto/SP

Pe. Geraldo Pannock, CssR, Diretor do Sem. Menor CssR, Campina Grande/PB

Frei Pedro Amen OFA, Reitor do Seminário S. Pio X, Santarém/PA

Irmão Laurindo Trombeta, Marista, Orientador Vocacional de alunos e religiosos, CO. Paranaense, Curitiba/PR

Mons. Marcelo Pinto Cavalheira, Diretor do ITER (Inst. de Teologia), Recife/PE

Pe. Sjang Verdonschot MSC, Pastoral Catequética e Vocacional Joaçaba/SC

LISTA PARTICIPANTES DO CURSO – 1970 (5ª EDIÇÃO)

(nomes certos para certificado)¹

João Batista Camilotto

Antônio Rodrigues Maia

José Arlindo De Nadai

José Aloyseo Bzuneck

Dirk Gerardus

Maria Hesseling

Lauro Carlos Wittmann

Théreèse Del Giudice

Madeleine Caron

Balduino Antônio Andreola

João Laudelino Hahn

Inês Posser

Marcel Pépin

Deolinda Manzini

Helena Guilherme Barbosa

Nelly Bezerra De Menezes

Raimundo Rodrigues Tôrres

Geraldo James Rietcheck

Irene Cechin

Maria Carmelita de Aguiar Nóbrega

¹ Nessa edição não temos especificados as datas e os padres coordenadores, tampouco o nome das congregações das quais os participantes faziam parte.

**ANEXO A - FICHA PADRE GÉZA KÖVECSES - ESCRITOS ENVIADOS À ROMA
PARA CENSURA**

	g	Kövecses, P.Géza	1
1965 a junh.	1955	2027ss é ótimo diretor espiritual dos filósofos NN. em S. Leopoldo	
		a 2288 diretor dos teólogos, muito bom.	
d28.9.59	1535	propôs fundação de curso para formadores do clero diocesano e religioso.	
a25.10.59	2542	prepara e orientará o curso intensivo de direção espiritual em Viamão, nas férias.	
a2.9.64	3152	viajar à Europa para atualizar-se em ascética e mística?	
		<i>d 2001 sim.</i>	
a14.4.67	3454	com câncer no pulmão - fumante! Trabalhou muito bem no curso Christus sacerdos-S. Leopoldo. 3468 faleceu. <i>d 2196</i>	
a3.6.68	3637	deu um a um leigo, ex-SJ, seus escritos, que os multiplicou. Dois exemplares vão a Roma para censura.	

Fonte: Arquivo Provincial da Associação Antônio Vieira – Porto Alegre/RS.

ANEXO B - NECROLÓGICO DO PADRE GÉZA KÖVECSES

P.Géza Kövecses + 12.6.1967

Nasceu em Budapest, Hungria. Depois dos estudos de segundo grau e do 1º ano de seminário maior, entrou na SJ.

Como estudante de teologia, deixou sua pátria fugindo, devido à ocupação comunista, e continuou a estudar em Innsbruck na Austria e em Chieri, Itália, onde foi ordenado sacerdote 13.7.1950.

Destinado ao Brasil, chegou a Porto Alegre, 18.11.53. De lá foi a rexi Novo para aprender o português. ~~Até~~ Em 55 chegou ao Colégio Cristo Rei, S.Leopoldo. Além de dar aulas, foi diretor espiritual dos filósofos e em 56 também dos teólogos. Desde 57 conservou apenas a direção dos teólogos.

Era perito em psicologia do profundo e no retiro de S.Inácio.

Devido à sua iniciativa e interesse foi fundado em 1962, na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, o curso de teologia para religiosos e leigos, senhores e senhoras.

Durante as férias deu diversas vezes o retiro de um mês a sacerdo

Em 66, devido à sua iniciativa, foi fundado ⁽¹⁾ o chamado curso Chris Sacerdos=Cristo Sacerdote para formadores de ambos os cleros. Disse se deduz que ele foi pessoa de grande iniciativa e benemérito de sos teólogos e do clero em geral.

Não se deve calar, que, principalmente nos últimos anos, ele cir grandes dificuldades aos superiores e que a mistura de direção espiritual, psicologia e psicoterapia foram funestas.

Era da província húngara, aplicado à nossa.

(1) no Colégio Cristo Rei, em S.Leopoldo.

ANEXO C - PROGRAMA DO CURSO *CHRISTUS SACERDOS*

Capa e contracapa:

PROFESSORES:

A. PARTE TEOLÓGICA

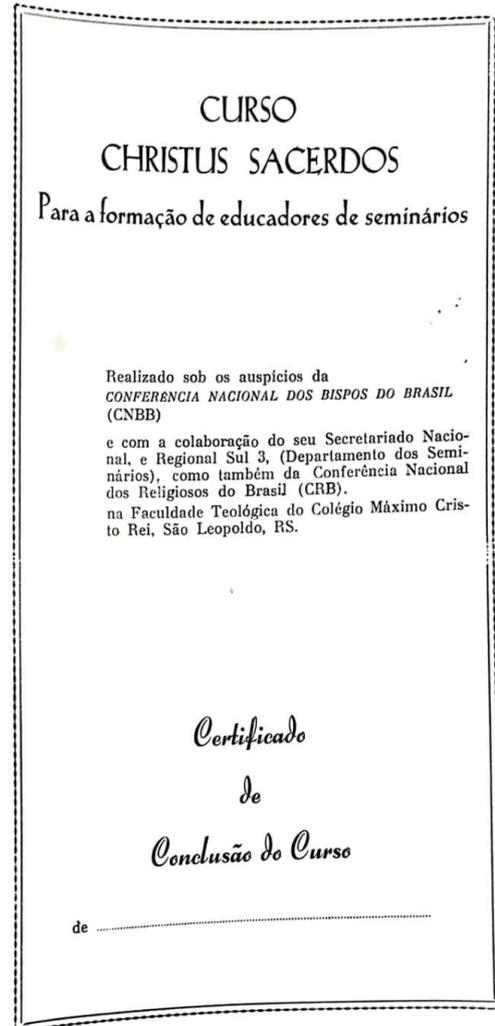
1. Dom Aloysio Lorscheider OFM, Bispo de Santo Angelo, RS
2. Dom José Ivo Lorscheiter, Bispo Auxiliar de Pôrto Alegre, RS.
3. P. Geza Kövecses S. J., São Leopoldo, RS
4. Frei Lucas Moreira Neves OP, Rio de Janeiro, GB
5. Pe. Antônio Benkô S. J., Rio de Janeiro, GB
6. Pe. Leopoldo Adami S. J., São Leopoldo, RS
7. Pe. Raimundo Caramuru, Rio de Janeiro, GB
8. Pe. Hugo Assmann, Pôrto Alegre, RS
9. Frei Romeu Dale OP, Rio de Janeiro, GB
10. Pe. Odilon Jaeger SJ, São Leopoldo, RS
11. Pe. Beno Dischinger SJ, São Leopoldo, RS
12. Pe. Isidro Sallet SJ, São Leopoldo, RS
13. Pe. Frederico Laufer SJ, São Leopoldo, RS

B. PARTE SÓCIO-CULTURAL

14. Frei Antônio do Carmo, OCarm, Pôrto Alegre, RS
15. Pe. Afonso Gregory, CERIS, Rio de Janeiro, GB
16. Pe. Domingos Donida SJ, CERIS, Rio de Janeiro, RS

C. PARTE PSICOLÓGICA e PRÁTICA

17. Dr. Siegfried Kronfeld, Pôrto Alegre, RS.
18. Sra. Gerda Kronfeld, Pôrto Alegre, RS.
19. Dr. Alberto Corrêa Ribeiro, Pôrto Alegre, RS
20. Dr. Paulo Brandão, Pôrto Alegre, RS
21. Pe. Marcus Bach SJ, São Leopoldo, RS
22. Pe. Aloysio Koehler SJ, São Leopoldo, RS



Fonte: Arquivo Provincial da Associação Antônio Vieira – Porto Alegre/RS.

Parte interna:

Certificamos que

.....
 freqüentou o *CURSO CHRISTUS SACERDOS*, administrado na Faculdade Teológica do Colégio Cristo Rei, São Leopoldo, no período de assistindo com participação integral e interesse às aulas, reflexões e discussões, como também aos exercícios de dinâmica de grupo, de acordo com o programa que vem exposto na página seguinte deste certificado.

.....
 Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre

.....
 Bispo Auxiliar de Porto Alegre, subsecretário regional e Diretor do Curso

.....
 Coordenador interno e orientador do Curso

.....
 Secretário

São Leopoldo, aos de 196.....

Esquema Geral do Curso «Christus Sacerdos»

A. FUNCIONAMENTO

1. É um Curso de pós-graduação, cuja finalidade é habilitar os participantes também praticamente para o seu cargo educacional no Seminário.

2. Abrange 4 meses integrais. Funciona da 3ª a 6ª feira de cada semana, ficando os restantes dias à disposição dos cursistas para ulteriores estudos e trabalhos pessoais.

3. De manhã (8,30 às 11,30 h) e de tarde (15 às 18 h) são apresentados os assuntos de reflexão teológica e sócio-cultural. A breve exposição segue reflexão comunitária sob a direção do orientador da matéria, ou estudo individual e em equipes.

4. O programa noturno (19 às 22 h) é reservado à Psicologia. Após duas aulas de exposição e reflexão segue uma hora de terapia e dinâmica de grupo, com assistência de dois analistas.

B. PROGRAMA

1. PARTE TEOLÓGICA

- Teologia da Igreja, à luz do Vaticano II
- Teologia do Sacerdócio à luz do Vaticano II
- Teologia da Fé: aspectos psico-sociológicos
aspectos psicológicos
aspectos teológicos
- Renovação da Teologia Moral. Problemas atuais.
- Teologia Espiritual e Liturgia.

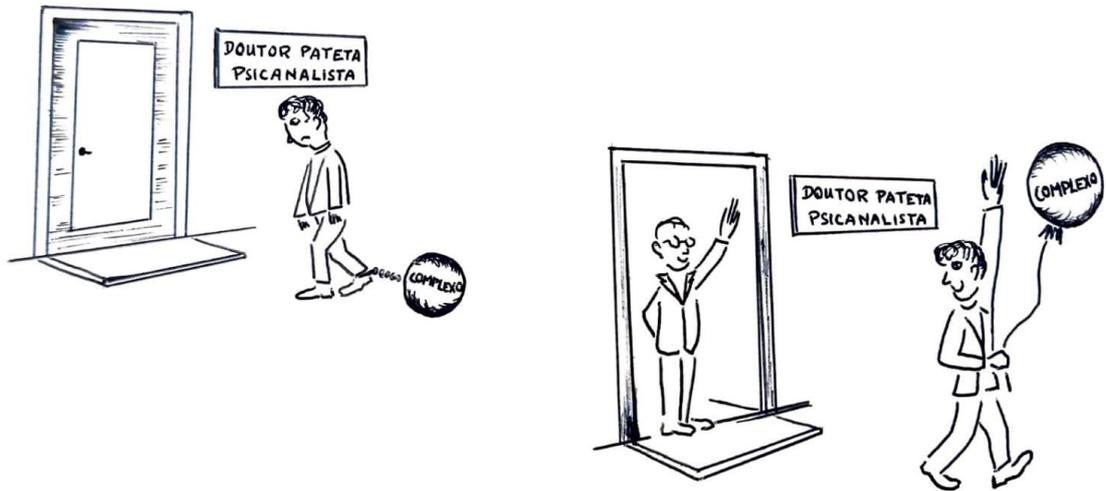
2. PARTE SÓCIO-CULTURAL

- Mentalidade contemporânea
- Análise da situação brasileira.

3. PARTE PSICOLÓGICA e PRÁTICA

- Psicologia da personalidade
- Psicologia evolutiva
- Desenvolvimento da Psiquiatria
- Psicopatologia das Neuroses e perversões
- Psicodinâmica de grupo
- Aconselhamento Pastoral

ANEXO D- DESENHO ATRIBUÍDO AOS PARTICIPANTES DE 1968



\$

Fonte: Arquivo Provincial da Associação Antônio Vieira – Porto Alegre/RS.

ANEXO E - CADERNOS DE REGISTROS DE AULA DE MICHEL DE CERTEAU

Caderno de 3 de abril de 1967:

90 f. 3 de abril de 1967

Disciplina	Matéria dada	Temas	Prof.	Observações
19,30 - 20,30 1. Ciências huma- nistas e a cultura cristã	Metod. geral Linguagem e comunicação		Pe. Michel Certeau Sr.	
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				
7.				
8.				

Fonte: Arquivo Provincial da Associação Antônio Vieira – Porto Alegre/RS.

Caderno de 4 de abril de 1967:

30.4 de abril de 1967			
8,30 - 10h	LEVI STRAUSS		Dr. Michel Gesteira
1. as relações huma- nistas e a expressão cultural		retribuição e comunicações	3 grupos
10,30 - 11,15			
2. idem Lecturas			
11,30 - 12h.			Dr. Gesteira
3. planário			
16h - 17,30	LEVI STRAUSS		idem
4. as relações huma- nas e a expressão cultural		comunicações	3 grupos
17,30 - 18h			
5. circuitos			
18 - 18,30			idem
6. planário			
19,30 - 20,30	exame dos pacientes.		Dr. Wolffhüttel
7. Práticas			
20,30 - 21,30			Dr. Kneufeld
8. Práticas grupo A			
9. grupo B			Dr. Ribeiro e Dr. Richter.

Fonte: Arquivo Provincial da Associação Antônio Vieira – Porto Alegre/RS.

Caderno de 5 de abril de 1967:

40/5 de abril de 1967 3-6/4/67.

Disciplina	Matéria dada	Temas	Prof	Observações
8:30 - 10 h 1. Antropologia humana + a cultura X'tex.	LEVI STRAUSS		Dr. P. de Souza 7	
10:15 - 11 h 2. Línguas		a interpretação do Novo Testamento hoje.		3 grupos
11 - 11,30 3. Planejamento			idem	
11:45 - 12,45 4. Planejamento continuado			idem	
13:30 - 15,15 5. Psicologia da Educação			Dr. P. de Souza s.j.	
16:30 - 18,30 6. Psicologia grupo D			Dr. P. de Souza S. queda	
7.				
8.				

... de 1967

Fonte: Arquivo Provincial da Associação Antônio Vieira – Porto Alegre/RS.

Caderno de 6 de abril de 1967:

		Branche D. Guanda.	
6 de abril de 1967			
1. 9,30 - 10hs As relações humanas e a cultura crítica	MICHEL FOUCAULT		Pa. C. Guanda sj
2. 10,30 - 11hs Círculos		visão do tema pa- rte, no sentido de, da ocasião, no tempo e sistemas históricos.	
3. 11 - 11,45hs plenário			idem
4. 19,30 - 20,15 Filosofia da educação	a família como "útero-social".		Pa. D. Guanda sj
5.			
6.			
7.			
8.			

Fonte: Arquivo Provincial da Associação Antônio Vieira – Porto Alegre/RS.

Caderno de 7 de abril de 1967:

20. f. 7, de abril de 1967

Disciplina	Matéria dada	Temas	Prof.	Observações
8,30 - 10,30 1. as ciências humanas nas e a reflexão cultural	a união pela diferença		Pe. C. A. M. S. J.	
19,30 - 20,15 2. Psicologia na educação	a família como inter-social		Pe. R. S. L. S. J.	
20,30 - 21,30 3. Psicoterapia grupo A			Dr. K. S. L. S. J.	
20,30 - 21,30 4. Psicoterapia grupo B			Dr. A. R. S. L. e Pe. R. S. L. S. J.	
20,30 - 21,30 5. Psicoterapia grupo C			Dr. P. B. S. L. e D. S. L. S. J.	
6.				
7.				
8.				

20. f. 10, de abril de 1967

19,30 - 20,30

Fonte: Arquivo Provincial da Associação Antônio Vieira – Porto Alegre/RS.

ANEXO F - MEMORANDUM ESCRITO POR PADRE LÉO SENO ETGES

MEMORANDUM SOBRE O CURSO DE
 Memorandum

Terceira Provação no Christus Sacerdos

É sabido que o Pe. Oscar Mueller não quer aceitar a terceira provação em S. Leopoldo, se éle a dirigir, sem psicoterapia.

Ora isso parece merecer não poucas reservas. Vamos querer repetir Cuernavaca? ^{México} (onde uma casa religiosa introduziu a psicoterapia e ela, a casa, se fechou.)
 No atual curso Christus Sacerdos, dois dos componentes tem namorada com a qual vão à Missa. Não largar tudo.

A turma dêste ano foi tão insuportável que no ano que vem só admitirão os cursistas até julho no Cristo Rei!

O Pe. Oscar não conheceu os problemas havidos no Cristo com teólogos em terapia.

Cortou-se a terapia para teólogos e vai ser oficializada na terceira provação? Se os teólogos tem, em geral, idade demais para boa terapia, que dizer de terceiranistas já bem mais avançados em anos?

Existe o aspeto pobreza: terapia custa os olhos da cara. Se fôsse dar resultados certos, vá lá. Mas depois termos mais gente com mais problemas! O P. Bohnen que acompanhou de perto o assunto da terapia no Cristo Rei dizia não se lembrar de alguém que tivesse melhorado notavelmente, nem o próprio P. Géze!!!

Kövecses

Cordialmente

P. Léo L. S. Etges
 24/11/68